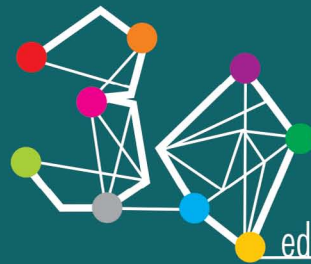




SIC

salão de iniciação científica
pró-reitoria de pesquisa - ufrgs



edições

ENCONTRO ENTRE APRENDIZAGEM E CIÊNCIA

Édina Rocha e Ânia Chala
Organizadoras

Para celebrar a ciência

A ciência é fascinante. Dotada de curiosidade e inteligência, a humanidade vem desvendando os enigmas da natureza e transformando o mundo e a existência a partir dos avanços da ciência e da tecnologia. Os cientistas são protagonistas dessa história, e a universidade, um de seus nichos preferenciais, pois além de abrigar a pesquisa é nela que são formados os novos pesquisadores. A partir desse entendimento foram criados as bolsas e os programas de iniciação científica para os estudantes de graduação, ações fundamentais de política educacional e científica do país. O Salão de Iniciação Científica da UFRGS (SIC) surgiu como um espaço para que os bolsistas de iniciação pudessem apresentar seus resultados e suas ideias aos seus pares, aos demais estudantes e aos professores, assim adquirindo outra importante habilidade: a de comunicar ciência para a sociedade. Tive a feliz oportunidade de participar do 1.º Salão, realizado em 1989. Com o ânimo de um então jovem professor e pesquisador, participei da Comissão Organizadora daquele evento seminal a convite da querida Marininha Aranha Rocha. Desde então, vivi todas as edições do evento com distintos graus de envolvimento e posso afirmar que, mesmo as nossas mais positivas expectativas, ficaram muito aquém da fantástica evolução e do sucesso alcançados por esta pioneira iniciativa.

O Salão se expandiu a ponto de as inscrições de trabalhos externos à UFRGS precisarem ser limitadas de certa forma em função do espaço físico. Foram atraídas escolas de ensino fundamental e médio, pois a iniciação à ciência pode ter início tão cedo quanto a criatividade desabrocha. A inclusão das atividades de inovação e desenvolvimento tecnológico foi um passo natural, uma vez que o avanço articulado de ciência, tecnologia e inovação se revela essencial para a apropriação do conhecimento pela sociedade e para a produção de valor pela prática científica. Nos anos recentes, a integração do SIC com os outros Salões acadêmicos da Universidade deu origem ao Salão UFRGS, o grande evento que expressa a solidez institucional de uma universidade completa, que faz ensino, pesquisa, inovação e extensão com forte compromisso social. As metamorfoses de forma e de conteúdo do SIC só fizeram reforçar seu principal objetivo, o de ser uma celebração da ciência. Um espaço de expressão da criatividade, de fortalecimento da missão universitária para a geração e socialização do conhecimento, e de profunda renovação pelo envolvimento dos jovens cientistas de hoje – professores e pesquisadores de amanhã.

Carlos Alexandre Netto

ENCONTRO ENTRE APRENDIZAGEM E CIÊNCIA



Reitor

Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica

Jane Fraga Tutikian

EDITORA DA UFRGS

Diretor

Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial

Álvaro Roberto Crespo Merlo

Augusto Jaeger Jr.

Carlos Pérez Bergmann

José Vicente Tavares dos Santos

Marcelo Antonio Conterato

Marcia Ivana Lima e Silva

Maria Stephanou

Regina Zilberman

Tânia Denise Miskinis Salgado

Temístocles Cezar

Alex Niche Teixeira, presidente

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL

REITOR: Rui Vicente Oppermann

VICE-REITORA: Jane Fraga Tutikian

PRÓ-REITORA DE COORDENAÇÃO ACADÊMICA: Jane Fraga Tutikian

PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Vladimir Pinheiro do Nascimento

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Celso Giannetti Loureiro Chaves

PRÓ-REITOR DE PESQUISA: Luís da Cunha Lamb

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO: Sandra de Deus

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO: Hélio Henkin

PRÓ-REITOR DE GESTÃO DE PESSOAS: Maurício Viegas da Silva

PRÓ-REITORA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS: Suzi Alves Camey

SUPERINTENDENTE DE INFRAESTRUTURA: Edy Isaias Junior

CHEFE DE GABINETE: João Roberto Braga de Mello

PROCURADOR-GERAL: Saulo Pinheiro de Queiroz

SECRETÁRIA DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL: Claudia Medianeira Cruz Rodrigues

SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: André Iribure Rodrigues

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: Lovois Miguel

SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO: Jose Luis Duarte Ribeiro

SECRETÁRIO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS: Nicolas Maillard

COORDENADOR DE SEGURANÇA: Daniel Augusto Pereira



ENCONTRO ENTRE APRENDIZAGEM E CIÊNCIA

Édina Rocha e Ânia Chala
Organizadoras



© dos autores

1.^a edição: 2018

Direitos reservados desta edição:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Pró-reitoria de Pesquisa - PROPESQ

Secretaria de Comunicação Social - SECOM

Design de capa e projeto gráfico: Rosâne Vieira

Foto de capa: Rochele Zandavalli

S173 Salão de Iniciação Científica – SIC 30 edições: Pró-Reitoria de Pesquisa – UFRGS: encontro entre aprendizagem e ciência / organizadoras Édina Rocha e Ânia Chala . – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

74 p. : il. ; 24x22cm

Apresentação de Rui Oppermann, Reitor; Jane Tutikian, Vice-Reitora e Luís Lamb, Pró-Reitor de Pesquisa da UFRGS.

Inclui fotografias.

1. Educação. 2. Educação superior. 3. Pesquisa Científica. 4. Iniciação científica. 5. UFRGS – Pesquisa - Iniciação científica. 6. Salão de Iniciação Científica – UFRGS. 7. Eventos – UFRGS. I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pró-Reitoria de Pesquisa. II. Rocha, Édina. III. Chala, Ânia.

CDU 378.4(816.5)UFRGS

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin– Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0451-8

“A busca por descobertas estimula nossa criatividade em todos os campos, não apenas na ciência. Se chegássemos ao fim da linha, o espírito humano feneceria e morreria. Mas acho que nunca vamos ficar estagnados: devemos crescer em complexidade, quando não em profundidade, e seremos sempre o centro de um horizonte de possibilidades em expansão.”

Stephen Hawking
O Universo numa Casca de Noz

RUI OPPERMANN
Reitor



PREPARAR JOVENS PARA OS DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES DA SOCIEDADE

E, então, chegamos à trigésima edição do Salão de Iniciação Científica (SIC), o que é motivo de alegria, de orgulho e de reflexão sobre o papel da UFRGS enquanto Universidade Pública.

É certo que as principais funções da universidade atravessaram e continuarão atravessando a história. Ela é o lugar do conhecimento, da discussão de ideias correntes e de teorias já estabelecidas, da reflexão de natureza metafísica e artístico-literária e da formação científica e profissional. Entretanto, essas atribuições ganham outras perspectivas dentro de diferentes cenários político-econômicos e culturais. Na mesma medida em que esse contexto interfere na universidade, é seu papel nele ingerir, até porque cabe a ela preparar os jovens para os desafios e para a transformação da sociedade, tornando-a mais justa, mais igualitária. Em outras palavras: a universidade deve preparar cidadãos livres e comprometidos, capazes de empreender o desenvolvimento social.

Nesse sentido, buscamos reafirmar a UFRGS como centro integrador entre a tradição e a inovação, por meio da valorização das humanidades como fonte de justiça social, e do reconhecimento da tecnologia e da inovação como motores de desenvolvimento social e econômico. O SIC é a materialização dessa integração e esta é, por ventura, sua maior qualidade, na medida em que se constitui em importante espaço para a divulgação, a promoção e o acompanhamento dos trabalhos de iniciação científica realizados por alunos de graduação da Universidade e de ou-

JANE TUTIKIAN
Vice-reitora



tras instituições de ensino superior, orientados por pesquisadores oriundos das mais diversas áreas do saber.

Se, em 1989, começou tímido, em sua 30.ª edição tornou-se a grande festa do conhecimento. Alunos de roupas coloridas e olhos atentos invadem o Campus do Vale, ansiosos para fazerem a sua apresentação e trocar experiências. Eles hoje convivem com novas formas de ensino, diferentes fontes de informação, acesso a dados, redes sociais e renovadas visões de mundo, até porque vivemos num espaço-tempo marcado pela heterogeneidade, pela diversidade e pela conectividade. As relações entre o local, o nacional e o mundial são interativas, convergentes e contraditórias a um só tempo e têm importante reflexo nos saberes científicos e das humanidades.

É esta a notável riqueza do Salão de Iniciação Científica da UFRGS, o motivo de nossa comemoração: trazer em seus princípios conhecimento, tecnologia, inovação, ética, sustentabilidade e cultura num processo de valorização do humano e da vida.

Rui Oppermann – Reitor
Jane Tutikian – Vice-reitora

LUÍS DA CUNHA LAMB
Pró-reitor de Pesquisa



A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UFRGS: PERSPECTIVAS E HORIZONTES

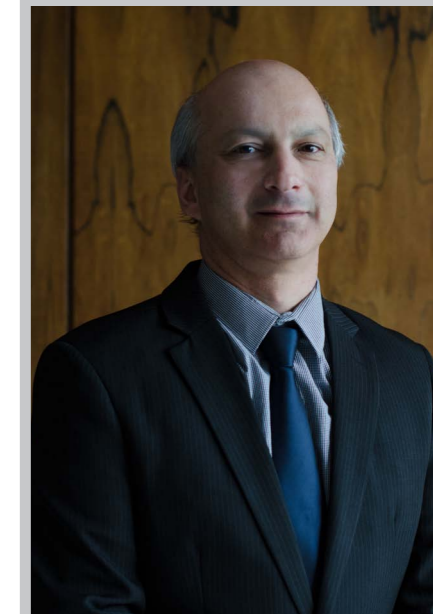
O Salão de Iniciação Científica completa 30 edições em 2018. Ao longo de três décadas, o Salão de IC ou SIC, como é conhecido, apoiou o desenvolvimento acadêmico, pessoal e profissional de milhares de jovens. Em seus primeiros anos, algumas centenas de trabalhos já registravam a qualidade da pesquisa realizada pelos estudantes da Universidade.

Ao final da década de 1980, a UFRGS foi pioneira na concepção de um evento anual de apresentação de trabalhos de bolsistas de iniciação científica que hoje é referência nacional, no qual os alunos de graduação expõem e relatam seus primeiros experimentos, a partir de seus contatos iniciais com a ciência.

A iniciação científica constituiu-se em um dos projetos que alcançaram resultados mais significativos para a ciência brasileira. Ao longo de sua história, a UFRGS sempre ofereceu oportunidades de qualificação do ensino e de formação pela prática científica. Essa formação – com base no método científico – permite ao jovem adquirir habilidades que contribuem para sua trajetória profissional, tanto no mundo acadêmico quanto em qualquer outro caminho que venha a escolher, pois propicia experiência na resolução de problemas complexos, na formulação de hipóteses e na análise lógica dos resultados dos ensaios.

Nessas três décadas, o impacto da ciência na vida das pessoas tornou-se ainda mais significativo: testemunhamos o sequenciamento do geno-

BRUNO CASSEL NETO
Vice-pró-reitor de Pesquisa



ma humano, o surgimento da web, e agora vislumbramos o convívio com a inteligência artificial. A construção do saber científico é um trabalho coletivo da humanidade, realizado através de um processo contínuo que demanda longo período de tempo. Sua crescente produção e disseminação exigem, portanto, uma educação cada vez mais alicerçada na ciência. Vivemos no “Século do Conhecimento”. É nessa realidade que os jovens pesquisadores devem projetar seus experimentos, em um ambiente desafiador, mas que também reconhece a ciência como fundamental para a vida humana.

Francis Bacon, pioneiro da ciência moderna e do método científico, já alertava no século XVII sobre o poder do conhecimento para o desenvolvimento da sociedade. Por vislumbrarmos um futuro no qual a formação das pessoas será o maior patrimônio das nações, acreditamos que o modelo construído na UFRGS será um importante alicerce da formação de cidadãos que contribuem para a construção de uma sociedade melhor.

Finalmente, a todos que ajudaram a construir essa história – estudantes, técnico-administrativos, pesquisadores e professores – registramos nosso reconhecimento por seu notável trabalho de preservação, ampliação e qualificação da iniciação científica na UFRGS.

Luís da Cunha Lamb – Pró-reitor de Pesquisa
Bruno Cassel Neto – Vice-pró-reitor de Pesquisa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO / 12

A CRIAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE FOMENTO À PESQUISA NO BRASIL / 14

ESPAÇO DE PRÁTICA E APRENDIZADO PARA OS ESTUDANTES / 16

DOS PRIMEIROS ANOS À AMPLIAÇÃO DA TROCA DE CONHECIMENTOS / 20

A CONSOLIDAÇÃO DO SIC E O EXEMPLO PARA OUTRAS MOSTRAS / 24

DIÁLOGO COM AS ESCOLAS E FORMAÇÃO DOCENTE / 28

INTEGRAÇÃO DOS SALÕES E VISIBILIDADE INSTITUCIONAL / 32

PÔSTERES DIGITAIS DERAM AGILIDADE E ECONOMIA À ORGANIZAÇÃO / 36

APOIO À INVESTIGAÇÃO E À TECNOLOGIA REQUER ESFORÇO CONTINUADO / 41

DESMISTIFICANDO A CARA DO CIENTISTA / 55

RECONHECIMENTO AOS JOVENS PESQUISADORES / 66

NOS BASTIDORES DO EVENTO / 70

UM ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA

Se pensarmos com o historiador alemão Reinhart Koselleck (1923-2006) que todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que nela atuaram ou que sofreram suas consequências, podemos dizer que as vidas entrelaçadas daqueles que idealizaram ou participaram de um evento desenvolvido ao longo de 30 anos reúnem passado e futuro em uma relação dinâmica e enriquecedora.

As narrativas de professores, estudantes e técnicos relacionadas ao Salão de Iniciação Científica da UFRGS aqui apresentadas testemunham três décadas de vivências permeadas pelo ambiente da pesquisa na Universidade. Uma possível síntese dessas memórias poderia ser caracterizada pela troca de saberes, pela formação de jovens cientistas e pela imersão em um mundo ao mesmo tempo incerto e desafiador, no qual a busca do novo é estratégia e também objetivo.

Nesse sentido, compreendemos o SIC como um espaço de experiência por excelência, um lugar no qual aprendemos com o tempo, reunindo novas vivências, e onde esses conhecimentos já adquiridos também se modificam com o decorrer dos anos.

A proposta da Pró-reitoria de Pesquisa da UFRGS ao idealizar este livro é uma tentativa de registrar as múltiplas trajetórias daqueles que, de alguma forma, deixaram sua marca ou foram marcados pelo Salão. Desse modo, foram ouvidos jovens pesquisadores premiados, professores que descobriram a vocação para a carreira acadêmica a partir

de sua participação no evento, docentes-pesquisadores com trabalhos reconhecidos mundialmente e ex-pró-reitores que colaboraram para o prosseguimento e a modernização dessas atividades, bem como técnicos que trabalharam para a plena realização desse grande encontro anual.

Porque não há experiência sem expectativa, acreditamos que esta publicação representa um ponto de partida para iniciativas semelhantes que valorizem e deem visibilidade à memória coletiva e institucional de nossa Universidade.

Édina Rocha – Vice-secretária da Secretaria de Comunicação Social
Ânia Chala – Jornalista

A CRIAÇÃO DE UMA POLÍTICA DE FOMENTO À PESQUISA NO BRASIL

Por se tratar da maior e mais complexa universidade do Rio Grande do Sul, a materialização histórica da pesquisa da UFRGS ocorreu de forma assistemática. A integração de estudantes de graduação aos processos de produção do conhecimento se deu por iniciativa de professores pesquisadores e gestores, o que posteriormente gerou uma cultura de pesquisa por meio do desenvolvimento de políticas, de ações concretas e da estruturação de grupos de pesquisa.

As bolsas de iniciação científica foram instituídas nos anos 1950 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), mas foram as décadas de 1970 e 1980 que marcaram a instauração e o fortalecimento da pesquisa e da pós-graduação no conjunto das universidades públicas brasileiras.

Com a criação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), instrumento de fomento adotado pelo CNPq, o controle administrativo das cotas de bolsas ofertadas aos estudantes universitários passou a ser gerenciado pelas Instituições de Ensino Superior (IES) que, do mesmo modo, deveriam criar mecanismos próprios de distribuição aos seus pesquisadores e discentes. Até então, a concessão das bolsas de Iniciação Científica era feita a partir de solicitações individuais, e elas permaneciam diretamente vinculadas aos pesquisadores.

Essa mudança, ocorrida em 1988, impulsionou a iniciação científica da Universidade, já que com o repasse de verbas,

a UFRGS ficou com o encargo de organizar, divulgar, selecionar e acompanhar o direcionamento de bolsas, tarefas antes desempenhadas pelo órgão hoje vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

Na nova estrutura que começava a se desenhar, o Conselho reconheceu que a iniciação científica era parte integrante da política de pesquisa das IES e que se constituía em um importante instrumento de incentivo para estudantes de graduação com vocação e talento.

A partir dessa concepção, foi instituído o PIBIC que, conforme estipulado em seus objetivos, “visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. A cota de bolsas de IC é concedida diretamente às instituições, estas são responsáveis pela seleção dos projetos dos pesquisadores orientadores interessados em participar do Programa”.

Assim, os anos 1990 caracterizaram-se como o período da iniciação científica devido à ampliação da oferta de bolsas, à institucionalização e ao reconhecimento da pesquisa nas instituições federais de ensino brasileiras. Desde então, gradualmente, houve o aumento no número de pesquisadores, orientadores e bolsistas, o que possibilitou não só a continuidade, mas a expansão da inovação científica promovida na UFRGS.



ESPAÇO DE PRÁTICA E APRENDIZADO PARA OS ESTUDANTES

Tendo como ponto de partida as novas diretrizes traçadas pelo CNPq, o Departamento de Incentivo à Pesquisa, vinculado a então Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação e dirigido pelo professor Roberto Giugliani, deu forma ao primeiro Salão de Iniciação Científica (SIC) da UFRGS.

O fortalecimento e a institucionalização da pós-graduação nas universidades federais nas décadas de 1980 e 1990, marcam um período de consolidação da pesquisa, com a qualificação de docentes e estímulos vindos através de um número expressivo de agências de fomento, incluindo fundações regionais.

É nesse cenário promissor para a ciência brasileira, e a partir da necessidade de valorização do Programa Interno de Iniciação Científica e de visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos de graduação, que nasce o Salão de Iniciação Científica da UFRGS. Com a formação de uma comissão de pesquisadores concretiza-se, em 1989, a primeira edição do evento. A iniciativa pioneira apresentava novas formas de avaliação de estudantes de graduação da Universidade em atividades de pesquisa.



ROBERTO GIUGLIANI

Professor da Faculdade de Medicina da UFRGS, membro da Academia Brasileira de Ciências e fundador do Serviço de Genética Médica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Roberto Giugliani foi diretor do Departamento de Incentivo à Pesquisa na antiga Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, gerida pelo professor Abílio Baeta Neves ao longo das gestões de Gerhard Jacob (1988-1990) e Tuiskon Dick (1990-1992).

“A ideia de fazer um Salão de Iniciação Científica surgiu porque eu havia sido bolsista de IC por quase cinco anos. Percebi que a gente não tinha um protagonismo, já que na publicação ou apresentação do trabalho em algum congresso quem aparecia eram o coordenador e os bolsistas do mestrado ou do doutorado. Eu achava que poderia haver um espaço para dar visibilidade aos estudantes inseridos na iniciação científica. Então, quando me tornei diretor do Departamento de Incentivo à Pesquisa, comecei a pensar em um espaço no qual esses alunos fossem os protagonistas, mostrando sua participação em projetos por meio da apresentação de pôsteres. Era a oportunidade para que exercitassem sua capacidade comunicacional.”

De acordo com Giugliani, o Salão veio para preencher uma lacuna. Do contrário, não teria tido tamanha acolhida e durabilidade. E acrescenta: “Tive uma grande vantagem nessa iniciativa por contar com a parceria do pró-reitor, professor Abílio Baeta Neves, que percebeu a importância desse projeto lhe dando todo o apoio, tanto em termos de pessoal – uma vez que o Salão foi totalmente concebido e organizado pela equipe de técnicos da pró-reitoria – quanto financeiro”.

A primeira edição do evento consumiu quase um ano de trabalho, mas o resultado foi tão positivo que logo passaram a planejar as edições seguintes, destaca o pesquisa-

dor. Nesse sentido, reconhece o engajamento dos servidores da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, em especial Marininha Aranha Rocha, pessoa fundamental nesse processo. Tanto que, nas edições posteriores, ela acabou assumindo um papel transcendental na continuidade do Salão. “Nós realizamos o evento no segundo andar da reitoria, porque naquele tempo ainda cabia fazer tudo em um só lugar, pois tivemos pouco menos de 200 trabalhos inscritos na primeira montagem, o que para nós foi muito significativo. Conseguimos motivar a comunidade de bolsistas de Iniciação Científica, vencendo as etapas iniciais de sensibilização dos professores, técnicos e estudantes, com ótima repercussão interna e externa”, relata.

O professor lembra ainda que, ao final daquela edição pioneira, foi produzido um documento com todos os trabalhos impressos e ainda hoje se orgulha desse resultado. “Quando assumi o Departamento de Incentivo à Pesquisa, tinha 35 ou 36 anos e havia ingressado há pouco na UFRGS. Por isso, ver materializado o que imaginei há três décadas – sabendo o quanto essa ideia se sustenta – me dá grande satisfação. A criação do Salão ocorreu no início da minha trajetória docente e agora, depois de 37 anos de Universidade, percebo que talvez muitos de nossos atuais professores e pesquisadores tenham sido motivados a abraçarem a carreira acadêmica por conta de sua participação nesse evento. Isso é muito gratificante”, comemora.



DOS PRIMEIROS ANOS À AMPLIAÇÃO DA TROCA DE CONHECIMENTOS

O Salão de Iniciação da UFRGS foi pioneiro no Brasil, principalmente pela forma como foi configurado. Em sua primeira edição, em 1989, a exposição de pôsteres e as apresentações orais marcaram o ineditismo da iniciativa e fizeram com que, já no ano seguinte, o evento se abrisse para a participação de alunos de fora da Universidade, o que permitiu o intercâmbio de experiências e uma rica circulação de saberes e conhecimentos entre instituições.

A expressiva presença da comunidade acadêmica decorreu, certamente, do entendimento de que, na prática, a iniciação científica é um percurso feito de trocas, em que alunos e pesquisadores compartilham ideias, rompendo barreiras geracionais e de hierarquia. O envolvimento e a seriedade dos professores-orientadores, dos bolsistas e dos técnicos administrativos que atuaram e colaboraram com a Pró-reitoria garantiram que a iniciativa tivesse uma constante melhoria e chegasse à sua 30.ª edição olhando para o futuro, sempre em busca de aperfeiçoamento. Isso se deve ao fato do projeto transcender a um programa de bolsas, já que incluía diversas atividades de formação e de complementação, o que possibilitou uma ampla gama de oportunidades, seja na elaboração de resumos ou na instrumentalização diante das mudanças tecnológicas.



JOSÉ VICENTE TAVARES-DOS-SANTOS

Professor do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e diretor do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (ILEA), foi pró-reitor adjunto de Pesquisa, durante a gestão de Héglio Trindade (1992-1996).

“Eu tinha o status de pró-reitor, e o projeto era criar a Pró-reitoria Adjunta de Pesquisa – o que, aos poucos, foi sendo colocado em prática. Foi um passo marcante porque houve o reconhecimento da importância da atividade de pesquisa para a UFRGS. Quando fui nomeado, visitei as duas ou três pró-reitorias de pesquisa que havia no Brasil: a da Unicamp, a da UFMG e, se não estou enganado, a da USP. Em Campinas, a grande atividade era o Salão de Iniciação Científica, que nós promovíamos desde o final da década anterior”. Em sua avaliação, a servidora Marininha Aranha Rocha foi fundamental, seja pelo trabalho que já havia desenvolvido até ali, seja pelo que fez pela consolidação da própria Pró-reitoria de Pesquisa. “Aos poucos, começamos a ter instalações próprias e um corpo de funcionários específico, mas a gente ainda compartilhava o orçamento com a Pró-reitoria de Pós-graduação.”

Segundo ele, outra mudança daquela época foi a criação dos diretórios dos grupos de pesquisa pelo CNPq. “O coordenador dessa iniciativa veio à UFRGS para divulgar o conceito do que era um grupo de pesquisa. Ao lado da Marininha e da professora Maria Estela Dal Pai Franco, organizamos e publicamos, em 1997, um livro que apresentava a proposta de construção de estruturas para a generalização da pesquisa na Universidade.” Para o professor, havia uma grande dificuldade, pois, se por um lado, em áreas como Biologia, Física e Química, era natural ter um laboratório com um ou dois professores que coordenavam um grupo de alunos da graduação e da pós-graduação; em outras, como nas Ciências Humanas e nas

Ciências Sociais Aplicadas, isso era uma total novidade. “Posteriormente, o CNPq fez uma publicação de seis volumes do diretório de pesquisa brasileiro e nós editamos um livro só da UFRGS, impresso na Gráfica da Universidade. Se bem me lembro, eram cerca de 400 grupos. Com isso, percebemos que havia muitos projetos em que professores trabalhavam sozinhos. Mais tarde, por meio das sucessivas atualizações desse diretório, observamos que paulatinamente se configurava nas áreas de Humanas e Aplicadas a concepção do trabalho em equipe”, descreve.

Dessa maneira, a Pró-reitoria conseguiu estabelecer um lugar importante para a pesquisa e o seu fomento. A ideia dos grupos, que reuniam duas ou três gerações, permitiu a circulação do conhecimento. Até então, quando alguém se aposentava, levava consigo aquele saber. A partir do conceito do grupo, passou a haver uma propagação de saberes que incluía não apenas a promoção de atividades, mas igualmente o desenvolvimento de uma reflexão sobre o que era de fato fazer pesquisa.

Tavares-dos-Santos diz que sua experiência foi basicamente institucionalizar os procedimentos de fomento e apoio à pesquisa. “O Salão já tinha uma trajetória, porém, gradativamente, conseguimos racionalizar algumas etapas. No primeiro ano, assumi como pró-reitor e o evento ocorreu logo em seguida. Ali eu comecei a ver que havia um problema de planejamento, pois nada se faz açodadamente. O Salão acontecia em outubro e a organização iniciava em agosto. Então, resolvemos que o processo começaria em

março. Desse modo, passamos a implantar uma ideia de cronograma, de organização em etapas. Na época, o evento era realizado no Campus Central e ainda fazíamos um grande caderno impresso de resumos. Durante toda minha

gestão pude dar andamento a essas mudanças porque contei com o trabalho da Marininha, que esteve sempre presente não só com sua experiência, mas com seu discernimento e conhecimento da Universidade”, conclui.



A CONSOLIDAÇÃO DO SIC E O EXEMPLO PARA OUTRAS MOSTRAS

A proposta do SIC era criar um espaço em que os bolsistas tivessem a oportunidade de expor seus trabalhos com o acompanhamento de um professor, além de valorizar e popularizar a atividade de pesquisa.

O Salão abriu portas para a participação de áreas pouco conhecidas na pesquisa, o que estimulou a submissão de um crescente número de trabalhos e, conseqüentemente, um aumento na solicitação de bolsas nessas áreas em que, tradicionalmente, não havia esse tipo de oportunidade. Com isso, também surgiu a necessidade de organizar palestras para instruir professores e alunos a respeito de como estruturar e enviar projetos de pesquisa para o SIC.

Com a ampliação dos critérios para a seleção de trabalhos, as parcerias com as unidades se tornaram necessárias e a primeira delas foi estabelecida com a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) visando apoio à divulgação do evento. O crescimento passou ainda a demandar que todos os programas instituíssem uma comissão assessora dos pesquisadores para auxiliar no processo. Desse modo, formou-se um grupo que chegou a 900 pessoas, entre elas jovens pesquisadores, cientistas seniores, estudantes bolsistas ou não, diretores de unidades, pró-reitores e servidores técnico-administrativos.

SIC

XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
SESSÕES 2017UFRGS
PROPESQ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SULmúltipla
UNIVERSIDADE
inovadora inspiradora

CS	DATA	TURNO	SALA	PRÉDIO
Ciências da Saúde				
Gestão em saúde e enfermagem e organização do trabalho	16 M		204 PSA - CV	
Pediatria e Neonatologia	16 M		108 Prédio F - 43123	
Epidemiologia, saúde sexual e reprodutiva	16 T		102 Prédio F - 43123	
Estudos Socioculturais em Educação Física, Dança, Esportes e Lazer	16 T		207 Prédio F - 43123	
Nutrição II	16 T		205 Prédio F - 43123	
Psiquiatria III	16 T		206 Prédio F - 43123	
Toxicologia	16 T		201 PSA - CV	
Cardiologia	17 M		201 Prédio F - 43123	
Clinica médica I	17 M		202 Prédio F - 43123	
Epidemiologia, saúde da comunidade e ensino na saúde	17 M		203 PSA - CV	
Esporte e rendimento	17 M		202 PSA - CV	
Instrumentos de avaliação física	17 M		105 PSA - CV	
Nanotecnologia Farmacêutica	17 M		104 PSA - CV	
Nutrição III	17 M		108 Prédio F - 43123	
Periodontia	17 M		101 PSA - CV	
Promocão, Educação e Vigilância em Saúde	17 M		107 PSA - CV	
Psiquiatria I	17 M		204 Prédio F - 43123	
Química Medicinal, Farmacologia e Assistência Farmacêutica	17 M		210 PSA - CV	
Reabilitação	17 M		106 PSA - CV	
Biociência	17 T		208 PSA - CV	
Cariologia e Dentística	17 T		101 PSA - CV	
criança, adolescente e família I	17 T		210 PSA - CV	
Materiais Dentários	17 T		102 PSA - CV	
Nutrição I	17 T		101 Prédio F - 43123	
Psiquiatria II	17 T		111 Prédio F - 43123	
Saúde Bucal Coletiva II e Fonoaudiologia II	17 T		211 PSA - CV	
Saúde Mental e Enfermagem	17 T		108 Prédio F - 43123	
Bioquímica, fisiologia e genética clínica	18 M		201 Prédio F - 43123	
Clinica médica III	18 M		101 Prédio F - 43123	
Endocrinologia I	18 M		202 Prédio F - 43123	
Endodontia	18 M		102 PSA - CV	
Modelo animal	18 M		212 Prédio F - 43123	
Pneumologia e especialidades pediátricas	18 M		204 Prédio F - 43123	
Prótese, Radiologia e Cirurgia	18 M		106 PSA - CV	
Atividade Física e Motora e a Promoção da saúde na Infância e na Adolescência	18 T		210 PSA - CV	
Atividade física, práticas corporais, ensino, lazer e saúde	18 T		103 PSA - CV	
Biodinâmica do movimento humano: aspectos biomecânicos e fisiológicos	18 T		204 PSA - CV	
Cuidado de Enfermagem na saúde da mulher, criança, adolescente e família II	18 T		211 PSA - CV	
Desenvolvimento e Controle de Qualidade de Produtos Farmacêuticos	18 T		106 PSA - CV	
Educação em saúde, formação e cultura	18 T		110 PSA - CV	
Endocrinologia II	18 T		101 Prédio F - 43123	
Patologia Bucal	18 T		102 PSA - CV	
Clinica medica II	19 M		209 PSA - CV	
Farmácia - Fitoquímica	19 M		208 Prédio F - 43123	
Políticas, avaliação e atenção em saúde e enfermagem	19 M		208 PSA - CV	
Tecnologias do cuidado em enfermagem e saúde	19 M		210 PSA - CV	
Saúde Bucal Coletiva I e Fonoaudiologia I	19 T		102 PSA - CV	
Saúde Materno-Infantil	19 T		105 PSA - CV	

CH	DATA	TURNO	SALA	PRÉDIO
Ciências Humanas				
Autoritarismos, totalitarismos, ditaduras: história, memória e usos do passado	16 M		211 Prédio F - 43123	
Avaliação Psicológica	16 M		209 PSA - CV	
Cidade: memória e imagem	16 M		203 PSA - CV	
Ciência Política	16 M		212 Prédio F - 43123	
Corpo, Saúde, Gênero e Família	16 M		212 PSA - CV	
Desenvolvimento Humano	16 T		105 PSA - CV	
Desenvolvimento Humano: Gestação e primeira infância	16 T		203 PSA - CV	
Desenvolvimento, meio ambiente, consumo e empreendedorismo	16 T		211 Prédio F - 43123	
Educação e Culturas I	16 T		105 PSA - CV	
Educação e Culturas II	16 T		205 PSA - CV	
Educação e inclusão social	16 T		204 PSA - CV	
Educação, comunicação e tecnologias	16 T		202 Prédio F - 43123	
Escritas da história	17 M		205 PSA - CV	
Fazendo história no cotidiano escolar	17 M		203 PSA - CV	
Feminismos, gêneros e sexualidades	17 M		110 PSA - CV	
Filosofia	17 T		207 PSA - CV	
Fonoaudiologia	17 T		101 PSA - CV	
Formação inicial e continuada	17 T		210 PSA - CV	
Memórias que resgatam história da educação	17 T		102 PSA - CV	
Pesquisa em psicopatologia e psicanálise	18 M		110 PSA - CV	
Pesquisa Psicanalítica I	18 M		206 PSA - CV	
Pesquisa Psicanalítica II	18 M		107 PSA - CV	
Políticas e Gestão da Educação	18 M		208 PSA - CV	
Políticas públicas, trabalho e dinâmicas sociais	18 T		110 PSA - CV	
Processos de ensino-aprendizagem	18 T		208 PSA - CV	
Processos educativos na educação no campo	18 T		207 PSA - CV	
Psicologia cognitiva, experimental e neuropsicologia I	18 T		202 PSA - CV	
Psicologia cognitiva, experimental e neuropsicologia II	18 T		209 PSA - CV	
Psicologia Social: direitos humanos e métodos de pesquisa.	18 T		202 PSA - CV	
Psicologia Social: trabalho, saúde e direitos humanos.	19 M		201 PSA - CV	
Psicologia, Saúde e Bem-estar	19 M		206 PSA - CV	
Psicologia, Saúde e Risco	19 M		206 PSA - CV	
Religião e Etnicidade	19 M		206 PSA - CV	
Saberes e práticas culturais	19 T		202 Prédio F - 43123	
Serviço social	19 T		203 PSA - CV	
Sujeitos, práticas, territórios: conflitos e resistências	19 T		206 PSA - CV	
Violência e Sociedade	19 T		104 PSA - CV	

ENG	DATA	TURNO	SALA	PRÉDIO
Engenharia				
Barragens e Mecânica dos Fluidos	16 M		106 PSA - CV	
Eficiência Energética e Combustão, Escocamento	16 M		209 PSA - CV	
Engenharia Ambiental I	16 M		208 PSA - CV	
Engenharia de Materiais III	16 M		108 PSA - CV	
Engenharia Metalúrgica I	16 M		201 PSA - CV	
Sustentabilidade Ambiental	16 M		212 PSA - CV	
Engenharia de Materiais I	16 T		205 PSA - CV	
Pavimentação	16 T		204 PSA - CV	
Propriedades Mecânicas de Materiais	16 T		206 PSA - CV	
Engenharia Metalúrgica II	17 M		211 PSA - CV	
Engenharia Química II	17 M		212 PSA - CV	
Gestão e Transportes	17 M		205 PSA - CV	
Construção e Estruturas	17 T		107 PSA - CV	
Engenharia de Materiais IV	17 T		108 PSA - CV	
Engenharia Química IV	17 T		105 PSA - CV	
Construção Civil	18 M		103 PSA - CV	
Mecânicos sistemas dinâmicos, Processos de produção, robótica	18 M		212 PSA - CV	
Produção 2	18 M		108 PSA - CV	
Engenharia Ambiental II	18 T		202 PSA - CV	
Engenharia de Materiais II	18 T		107 PSA - CV	
Engenharia Elétrica II	18 T		201 PSA - CV	
Sistemas de produção e exploração de petróleo e gás	18 T		108 PSA - CV	
Engenharia Química I	19 M		103 PSA - CV	
Geotecnia	19 M		101 PSA - CV	
Produção 1	19 M		204 PSA - CV	
Tratamento de minerios e pesquisa mineral	19 M		102 PSA - CV	
Construção Civil II	19 T		108 PSA - CV	
Engenharia Ambiental III	19 T		107 PSA - CV	
Engenharia da Computação	19 T		201 PSA - CV	
Engenharia de Controle e Automação	19 T		202 PSA - CV	
Engenharia Elétrica I	19 T		5 ICTA	
Engenharia Metalúrgica III	19 T		203 PSA - CV	
Engenharia Química III	19 T		106 PSA - CV	

CH	DATA	TURNO	SALA	PRÉDIO
Ciências				
Clinica M	16 M		104 PSA - CV	
Diagnóst	16 M		3 ICTA	
Reproduç	16 M		5 ICTA	
Solos II	16 M		2 ICTA	
Forrageira	16 T		2 ICTA	
Medicina V	16 T		5 ICTA	
Epidemiolog	16 T		3 ICTA	
Zootecnia - Av				
Cirurgia veteriná			2 ICTA	
Zootecnia - Ave				
Piscicultura			ICTA	
Bioquímica			ICTA	
Fitotecnia			ICTA	
Microbiol			ICTA	
Análise de			ICTA	
Fitossan			ICTA	
Fruticultu			ICTA	
Fruticultu			ICTA	
Biotécni				
Patolog				
Solos I				
Zootec				
Zootec				
Process				
de alime				

M
DIS
Ações A
Inovação
Envelhe



MARIA DA GRAÇA KRIEGER

Exerceu o cargo de pró-reitora de Pesquisa de 1996 a 2000 na primeira gestão de Wrana Panizzi. Antes de assumir a função, ela, que atualmente é docente no PPG em Linguística Aplicada da Unisinos, havia dirigido o Instituto de Letras da UFRGS.

“A gestão da pesquisa é complexa, pois cada área tem as suas peculiaridades: no final dos anos 1990, enquanto a Física tinha seus padrões de publicação de artigos em revistas que eram impostos às demais, havia uma produção bem maior de livros e capítulos de livros por parte dos pesquisadores das Humanas. Uma das coisas sensacionais que vivi na Pró-reitoria de Pesquisa, além das relações com a equipe e das pessoas que conheci, foi poder administrar a Iniciação Científica”, conta. Na visão da docente, na prática, a IC é um caminho de mão dupla já que não é somente o pesquisador que compartilha seu conhecimento com o aluno. “Ele também recebe muito, porque a inquietude da gurizada quando se integra aos projetos é espetacular”, ressalta. Ela admite sua paixão pela Iniciação Científica nascida da elaboração de três dicionários bilíngues português-espanhol de Direito Ambiental no âmbito do Projeto Terminológico Cone Sul, originado no Instituto de Letras em 1991. “A IC é fundamental para o avanço da Universidade. Ainda assim, acho que não há conversa o suficiente. Uma das vantagens do Salão – no meu modo de ver subaproveitada – é o momento de apresentação dos pôsteres, porque ali poderia haver uma troca de experiências muito mais rica. Porém, na prática, os bolsistas vão lá, apresentam seu trabalho e não assistem sequer à produção dos colegas”, critica.

Conforme a pesquisadora, foi muito gratificante ter conviado com as diferentes áreas e conhecido a identidade de cada uma, tendo o cuidado de não impor a regra de uma

às outras. “O Salão representava uma oportunidade de fazer essas diversas vozes se unirem durante a sua organização. E isso a Marininha Rocha fazia muito bem, especialmente na organização do evento, que era da própria UFRGS, e na distribuição das bolsas de iniciação científica”, avalia.

Em sua gestão houve a tentativa de fazer as atividades em um mesmo lugar, na ESEFID, buscando propiciar um convívio maior entre os envolvidos. Contudo, o Salão cresceu exponencialmente e não foi possível manter essa proposta. “Também tratamos de convidar pessoas de fora da UFRGS para avaliar os trabalhos, além de instituir prêmios para os melhores de cada área. Em certa época, conseguimos inclusive premiar os alunos com computadores. Procurávamos estabelecer critérios mais equânimes. Afinal, como julgar o que é melhor na área das artes, decidindo entre coisas tão diferentes quanto uma peça de teatro, uma música ou uma exposição? Por esse motivo, montávamos com bastante cuidado a composição da comissão avaliadora”, justifica.

Por fim, diz que naquele período procurou definir de maneira clara qual era o papel do bolsista de iniciação. “O aluno colabora com um projeto, mas ele não pode ser um mero executor. Portanto, não devemos dar ao estudante um trabalho mecânico, que não propicie questionamento. É preciso que o jovem pesquisador se sinta desafiado, desacomodado. Do contrário, irá somente repetir os projetos

de seus orientadores sem trazer uma contribuição original sobre aquele problema de pesquisa.”

Segundo Maria da Graça, não é possível que o bolsista de um projeto simplesmente replique o trabalho do coordenador. Ele tem de descobrir uma dimensão própria dentro daquele projeto, que lhe forneça um novo caminho de

investigação. “O lado positivo do Salão é que ele me parece ter estabelecido isso como um norte, uma diretriz a ser observada por estudantes e professores. Para mim, a principal colaboração dos jovens que realmente se integram aos projetos é se perguntar: o que me toca nessa pesquisa? O que tenho a dizer? O que tenho a acrescentar ou questionar?”



DIÁLOGO COM AS ESCOLAS E FORMAÇÃO DOCENTE

A preocupação constante em aperfeiçoar o SIC vem da reconhecida importância que a iniciação científica tem para a formação do pesquisador. Desde que foi criado, as formas de organização e de operacionalização foram se modificando, de acordo com o surgimento de necessidades e a introdução de novas tecnologias. O SIC foi sendo modernizado, passou por inúmeras transformações e se configura como um dos maiores eventos realizados na Universidade em número de participantes. No decorrer dos anos, a quantidade de trabalhos inscritos cresceu de forma intensa, e, em sua sétima edição (1995), ultrapassou a barreira das 1.000 apresentações.

Em 2006, na décima oitava edição, esse número triplicou. Tal crescimento estabeleceu uma nova forma de diálogo científico e de intercâmbio acadêmico e, com essa percepção, foi criado o Salão UFRGS Jovem, visando promover parcerias entre a Universidade e escolas de ensino fundamental e médio. A ideia era auxiliar na superação de eventuais dificuldades e limitações para o ensino da ciência, bem como provocar a reflexão a respeito das abordagens tradicionais na formação docente da educação básica para o campo da ciência.



CÉSAR AUGUSTO ZEN VASCONCELLOS

Professor do Instituto de Física e pesquisador nas áreas da física nuclear e da astrofísica, atuou como pró-reitor de Pesquisa entre 2004 e 2008, na gestão de José Carlos Ferraz Hennemann, quando foi criado o Salão UFRGS Jovem.

“Uma série de razões motivou a criação do Salão UFRGS Jovem. A ideia partiu de sua primeira coordenadora, Mônica Baptista Pereira Estrázulas, então professora do Colégio de Aplicação da UFRGS. Foi ela a idealizadora, e a gestora, juntamente com a vice-pró-reitora, Marininha Aranha Rocha, das primeiras edições desse evento”. Vasconcellos atesta ter acolhido a proposta tendo como base vários aspectos: o primeiro é que a ciência cria a possibilidade de responder a perguntas aparentemente difíceis que as crianças fazem, como, por exemplo, o porquê da cor azul do céu, qual a origem do sol e das estrelas, e muitas outras; o segundo aspecto diz respeito aos benefícios que o aprendizado da ciência traz aos jovens, particularmente nos quesitos de desenvolvimento de habilidades para a vida, que envolvem perseverança, paciência, resiliência, preparação para a resolução de problemas e para a pesquisa.”

A ciência, segundo ele, pode despertar nas crianças o sentimento de que elas são capazes de serem agentes efetivos da busca de soluções para questões presentes na sociedade contemporânea. Devido à sua natureza intrínseca, possibilita o incentivo para que formulem suas próprias indagações e opinem de maneira autônoma, contribuindo assim para a formação de pessoas conscientes e capazes de fazer a diferença na sociedade do conhecimento e da informação. “O Salão UFRGS Jovem é um espaço que pode estimular, desde os primeiros anos escolares, o interesse pela pesquisa científica.

E a escola é o ambiente mais propício para que os jovens possam despertar sua curiosidade para os ‘mistérios’ da vida, ocupando um papel fundamental nesse movimento”, afirma. Para ele, a ciência comporta conhecimentos e processos. Porém na escola, à primeira vista, o seu estudo pode dar a impressão de representar apenas uma coleção de fatos isolados, apresentados de maneira estática em um livro texto. Mas essa percepção inicial não resiste a uma análise mais profunda, revelando o quanto ela também comporta processos de descobertas nos quais fatos aparentemente isolados apresentem conexões lógicas, coerentes e abrangentes do mundo em que vivemos. “A ciência é excitante, porquanto instiga a imaginação e a emoção, quando da revelação e explicação de fatos da natureza. Ela é útil, pois o conhecimento por ela gerado pode ser usado para desenvolver novas tecnologias, tratar doenças e lidar com muitos outros tipos de problemas. Ela também é dinâmica, e se comporta como um organismo vivo, pois está em permanente movimento de renovação, de descobertas e redescobertas, de nascimento e renascimento constantes. Por fim, representa um procedimento baseado no esforço humano globalizado, no qual os jovens podem e devem encontrar seu espaço”, descreve.

O professor Vasconcellos entende que, à medida que as crianças crescem em um ambiente tecnológica e cientificamente avançado, devem receber uma alfabetização científica a fim de que possam compreendê-lo e se tornem, de fato, agentes efetivos e autônomos de sua transforma-

ção. “A Universidade é fundamental nesse processo. Por isso, o Salão UFRGS Jovem foi concebido para superar as eventuais limitações da escola no ensino da ciência, assim como para ultrapassar as abordagens tradicionais da formação docente no campo da ciência. Acreditávamos

então, e acreditamos ainda, que a Universidade seria e é o locus mais importante para superação de tais limitações, por meio da criação de parcerias entre universidades e escolas. Essa era a nossa compreensão sobre o tema”, justifica o ex-pró-reitor.



INTEGRAÇÃO DOS SALÕES E VISIBILIDADE INSTITUCIONAL

O aumento do número de participantes tornou a organização do Salão cada vez mais complexa a ponto de, em 2010, as inscrições passarem a ser gerenciadas pelo Sistema Institucional de Eventos, plataforma criada a partir da parceria entre a Pró-reitoria de Pesquisa e o Centro de Processamento de Dados da Universidade. Além do aperfeiçoamento do processo de inscrições, a utilização da ferramenta facilitou o trabalho de montagem e de planejamento das bancas, aprimorou o controle de frequência dos participantes, bem como automatizou a emissão de certificados.

Em 2011, outro importante movimento ocorreu: a incorporação do SIC ao Salão UFRGS foi um marco em termos de gestão e visibilidade do evento. Pela primeira vez, todos os salões da Universidade foram integrados e ocorreram em um único local e em uma data comum, estabelecida no Calendário Acadêmico. O Salão UFRGS contemplou o Salão de Ensino, o Salão de Extensão, a Feira de Iniciação à Inovação e Desenvolvimento Tecnológico (FINOVA), a Feira de Ensino e Popularização da Ciência, o Salão de Relações Internacionais, o Salão UFRGS Jovem e o próprio Salão de Iniciação Científica.



JOÃO EDGAR SCHMIDT

Foi pró-reitor de Pesquisa de 2008 a 2012 na primeira gestão do reitor Carlos Alexandre Netto. Professor do Instituto de Física, desenvolveu projetos de pesquisa na área das propriedades magnéticas de materiais nanoestruturados e suas aplicações.

No âmbito da Pró-reitoria, João Edgar Schmidt teve como principais realizações o estabelecimento do Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres do Rio Grande do Sul (CEPED-RS) e do Parque Científico e Tecnológico da UFRGS; a estruturação de uma nova metodologia de submissão de projetos para a captação de recursos financeiros junto à Finep, visando ampliar a capacidade de desenvolvimento da pesquisa na UFRGS; e a implantação de um importante sistema de bolsas para apoio técnico para laboratórios de pesquisa multiusuários, suprimindo parte da enorme necessidade de recursos humanos técnicos para apoiar a pesquisa na Universidade.

Embora o professor tenha trabalhado pela modernização do SIC, não conseguiu colocar em prática uma de suas propostas. “Infelizmente, não foi na minha gestão que se deu a transição dos pôsteres em papel para os pôsteres virtuais. Eu bem que tentei, mas não tivemos orçamento suficiente para viabilizar a mudança, mesmo depois de termos discutido bastante a possibilidade e buscado soluções”, enfatiza.

Essa contingência, no entanto, não impediu que ele próprio desenvolvesse uma alternativa para o problema do suporte aos pôsteres em papel, que demandava custo elevado e desperdício de material, além de tempo para a montagem. Desse modo, desenhou estruturas tubulares articuladas em metal que foram produzidas com a ajuda de um servidor técnico da Universidade. Essas estruturas acabaram

sendo reutilizadas em sucessivas edições do Salão, até a entrada em cena dos totens digitais.

Alguns aspectos sofreram poucas alterações desde a criação do SIC. Um deles diz respeito à necessidade do estudante inscrito participar nas três modalidades: resumo, pôster e apresentação de trabalho oral. Porém, também houve mudanças organizacionais importantes: a partir de 2012, os resumos passaram a ser publicados na plataforma do LUME – Repositório Digital da Universidade, adquirindo assim um alcance muito maior e mais rápido. Em relação aos pôsteres, desde 2013, ocorre a submissão virtual em substituição ao antigo formato em papel. Além de maior agilidade na organização da exposição, outra vantagem do pôster virtual é a possível diminuição do custo aos apresentadores.



PÔSTERES INGRESSAM NA ERA DIGITAL

Entre 2012 e 2016, o Salão de Iniciação Científica registrou um aumento na participação de estudantes e de orientadores e uma melhor organização geral do evento.

Os trabalhos de IC eram apresentados na modalidade pôster e ocorriam presencialmente em um espaço público, no qual o apresentador deveria estar junto ao pôster para explicar seu projeto e responder a quem estivesse assistindo, além de submeter-se à avaliação por comissões julgadoras.

Para o estudante o desafio consistia na participação em três modalidades: publicação de resumo, apresentação oral em sessões temáticas e a apresentação de pôster. O objetivo era proporcionar a vivência característica de todas essas modalidades – usuais nos congressos científicos – associadas num único evento. Dessa forma, o bolsista era estimulado a aperfeiçoar sua performance acadêmica em cada um dos modos de divulgação do trabalho científico. O abandono do pôster impresso e a entrada no ambiente virtual, em 2013, forneceu mais agilidade à apresentação dos estudantes, estimulando a adoção de soluções criativas na exibição de seus trabalhos.



JOSÉ CARLOS FRANTZ

Professor e ex-diretor do Instituto de Geociências, dirigiu o Centro de Estudos em Petrologia e Geoquímica-CPGq e esteve à frente da Pró-reitoria de Pesquisa de 2012 a 2016, na segunda gestão do reitor Carlos Alexandre Netto.

Na edição de 2013 a apresentação dos pôsteres físicos, que visava estimular a reunião de bolsistas, estudantes de graduação e de pós-graduação, bem como de todas as pessoas interessadas e envolvidas com a pesquisa para a troca de experiências, foi substituída pela submissão virtual. Os novos totens virtuais significaram o abandono do antigo formato em papel, trazendo celeridade na organização da exposição, além da diminuição do custo de impressão para os apresentadores.

Na visão do professor Frantz, outro aspecto significativo daquele período foi poder observar o impacto positivo da integração dos Salões da Universidade: “Com a unificação, o SIC, pioneiro dentre os salões, passou a ter espaços compartilhados com os outros eventos acadêmicos que se constituíram ao longo dos anos. Algumas mudanças foram necessárias quanto à conformação ao novo modelo. No entanto, acredito que o resultado foi absolutamente positivo. Cabe lembrar que o ajuste foi de todos os participantes dos Salões UFRGS”, enfatiza.

De acordo com Frantz, no tocante à organização do evento pela Pró-reitoria de Pesquisa, investiu-se no aprimoramento dos sistemas informatizados. “Acompanho o SIC desde o seu início e posso dizer que o fato de ele ter se adaptado para atender às novas exigências e tecnologias permitiu sua modernização e, ao mesmo tempo, melhorou muito a qualidade e a representatividade da iniciação científica na Universidade”, avalia.





APOIO À INVESTIGAÇÃO E À TECNOLOGIA REQUER ESFORÇO CONTINUADO

“Não há nada mais gratificante do que poder contribuir para o progresso do conhecimento humano”, afirmava Francisco Mauro Salzano. Professor e pesquisador do Departamento de Genética da UFRGS recentemente falecido, ele se dedicou à ciência por quase 70 anos, com foco em investigações sobre evolução humana e populações ameríndias. Autor de mais de mil artigos e textos científicos e membro da Academia Brasileira de Ciências desde 1973, sua contribuição aos estudos em Genética foi reconhecida em dezenas de prêmios, além dos títulos de doutor Honoris Causa das Universidades de Toulouse (França) e Costa Rica (San José). O docente concedeu esta entrevista em maio de 2018.

Aposentado compulsoriamente da UFRGS em 1998, Salzano mantinha o vínculo com a Universidade como docente colaborador e continuava envolvido com pesquisas e eventos. O início de sua carreira científica se deu quase por acaso. “No começo de meus estudos de graduação não estava muito entusiasmado pela ciência, estava mais interessado em filosofia, cultura, cinema, literatura, essas coisas... Eu fazia o curso de História Natural, que depois foi subdividido em Ciências Biológicas e Geologia. E, graças à orientação do professor Antonio Cordeiro, que era o organizador do Laboratório de Genética aqui da Universidade, veio a ideia de me dedicar a essa área.”

Logo em seguida, foi convidado pelo professor Cordeiro a estagiar no laboratório, onde se empenhava no estudo das drosófilas, espécie de mosca que se configura em um importante modelo experimental para a Genética. “No momento em que fiz a passagem das drosófilas de um tubo para outro, de um material antigo para um novo frasco – procedimento que se chama repicagem –, tive um estalo. Eu disse ‘é isso mesmo que eu quero’. E, desde então, estou aqui”, narrou.

De lá para cá, Salzano presenciou mudanças significativas no panorama da ciência brasileira e mundial, com destaque para os avanços da pesquisa em Genética. “Em termos científicos, o desenvolvimento da minha área só pode ser considerado como fenomenal. Quando eu estava iniciando, ainda havia dúvidas se o DNA era mesmo material genético ou era proteína. Na verdade, agora se sabe que é produto do material genético. Após a descoberta da estrutura molecular do DNA em 1953, houve uma



FRANCISCO MAURO SALZANO (1928-2018)

Professor Emérito da UFRGS, membro titular da Academia Brasileira de Ciências e docente colaborador do Programa de Pós-graduação em Genética e Biologia Molecular do Instituto de Biociências.

produção científica é repleta de altos e baixos. Na visão do professor essa é uma situação cíclica, que alterna períodos de maior apoio à pesquisa, com ampliação do reconhecimento da relevância da ciência para a sociedade e aumento da destinação de recursos para a área, e fases de desvalorização e subfinanciamento. “Nos últimos oito anos, chegamos ao máximo de suporte quanto à valorização da pesquisa e financiamento. Isso no governo anterior. Quando chegou esse novo governo, pronto, tudo foi por água abaixo. Estamos numa fase de completa reversão do quadro, na qual não há apoio à pesquisa e não há também reconhecimento da importância da ciência aqui no Brasil. A esperança é que daqui a pouco venha um novo ciclo de melhoria da situação”, criticou.

sucessão incrível de descobertas que se devem também, de maneira muito acentuada, a progressos técnicos que envolveram a era da comunicação e da bioinformática”, analisa. Conforme o professor, o advento da internet, além de possibilitar a qualquer pessoa o acesso a amplos bancos de dados, permitiu que praticamente acabasse o atraso dos brasileiros em relação à informação científica. Ele lembrou que, quando iniciou as atividades, era necessário esperar cerca de três meses para receber uma revista internacional.

Entretanto, segundo ele “fazer ciência no Brasil foi sempre difícil. Se a gente compara com a situação dos países mais desenvolvidos, tem uma série de dificuldades que poderiam ser resolvidas se houvesse boa vontade, especialmente das autoridades governamentais”, comentou, observando que a história do apoio do governo brasileiro à

É com tristeza, portanto, que afirmou enxergar a atual conjuntura brasileira de enfraquecimento do investimento na ciência, “totalmente na contramão do que acontece em nações que agora são muito mais desenvolvidas. Se quisermos chegar lá, no topo, tem de haver um esforço continuado no amparo à investigação e à tecnologia”.

Para ele não havia nenhuma instituição social tão importante quanto a ciência para o progresso do bem-estar das sociedades humanas. “Lógico, além dos fatores positivos, existem alguns aspectos negativos da sua aplicação, como utilizações para efeitos de guerra, extermínio, etc. Mas, o fato de que agora – dependendo naturalmente do nosso nível socioeconômico – estamos tendo uma vida muito mais agradável, com mais longevidade e mais saúde, se deve à aplicação da ciência”, concluiu.







BOLSISTAS COMO CIENTISTAS EM CONSTRUÇÃO

PATRÍCIA DA SILVA CAMPELO COSTA BARCELLOS

Graduada em Letras Licenciatura Português-Inglês pela UFRGS, cursou doutorado em Informática na Educação na mesma instituição e doutorado em Linguística Aplicada na Unisinos. De 2008 a 2012 foi docente no Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (NELE-UFRGS). Desde 2014 é professora adjunta do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade.

“O SIC foi essencial para o meu crescimento como pesquisadora, pois tive de me preocupar não apenas em realizar uma pesquisa, mas em apresentá-la de forma concisa e objetiva, de modo que os presentes se encantassem pelo meu trabalho naquele curto espaço de tempo e pudessem sentir um pouco da minha paixão pela ciência. Desde então, todos os outros momentos de apresentação de trabalho em congressos, inclusive minha prática docente, foram aperfeiçoados tendo como base aquela circunstância singular.”

Patrícia Barcellos avalia seu amadurecimento acadêmico a partir da participação no SIC. Professora do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras, foi bolsista de iniciação científica voluntária em 2005, quando cursava o terceiro ano da Licenciatura em Letras Português-Inglês.

Ela recorda que se tornou bolsista de IC por influência da professora de inglês Marília dos Santos Lima. “Atualmente aposentada pela UFRGS, mas ainda trabalhando como docente no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, Marília certamente foi a responsável pelo início da minha trajetória profissional, por isso a considero minha ‘mãe acadêmica’ até hoje. Devo a ela todo o êxito que tive. Além de orientadora, ela se tornou minha madrinha em todos os sentidos, inclusive no âmbito pessoal”, afirma, acrescentando que quando ingressou na

Iniciação Científica ainda não sabia exatamente o que um bolsista fazia nem como era a pesquisa na área de Letras.

Em sua opinião, o principal mérito do SIC para os estudantes é dar visibilidade a todo o empenho científico conduzido pelo aluno durante o período da bolsa, de maneira que naquela apresentação se sinta como um verdadeiro cientista capaz de apresentar sua pesquisa de forma sucinta e clara para a comunidade. Do ponto de vista docente, acredita que o maior valor é possibilitar que os professores possam compartilhar suas pesquisas com os colegas, de modo a ter um período fixo anual de encontros para discutir ciência e buscar relações entre os trabalhos. “Além disso, também é o momento de sentir ainda mais orgulho da capacidade e dedicação dos bolsistas, verdadeiros cientistas em construção”, conclui.



HABILITAÇÃO PARA A CARREIRA DOCENTE

ERNO HARZHEIM

Graduado em Medicina pela UFRGS, possui doutorado em Medicina Preventiva e Saúde Pública e pós-doutorado em Epidemiologia. É professor associado do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina da UFRGS e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Epidemiologia da mesma instituição.

“O Salão de Iniciação Científica faz parte da minha vida, já que sempre me dediquei à atividade de pesquisa, desde o primeiro semestre da graduação. O envolvimento e a dedicação para trabalhar com pesquisa é importante, inclusive, na função que exerço hoje na Secretaria Municipal de Saúde. Eu tento aproximar a Prefeitura da academia e trazer a pesquisa para dentro da prestação de serviço em saúde. Essa relação qualifica o que é oferecido à população. Não tem qualidade na assistência se esta não estiver próxima da pesquisa.”

“O avanço tecnológico é consequência da aproximação entre a pesquisa científica e o setor produtivo”. É o que ressalta Erno Harzheim, docente do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina da UFRGS e atual Secretário de Saúde de Porto Alegre.

Segundo ele, as universidades referência de países desenvolvidos têm grande imersão no setor produtivo, tanto na graduação quanto na pós-graduação. “As pesquisas em saúde cada vez mais precisam contar com a participação das pessoas que irão se beneficiar dos resultados daquele estudo, pois muitas vezes um tratamento realizado em um ambiente laboratorial pode funcionar, mas na vida real acaba não se adaptando”, comenta o professor. Aluno destaque do Salão de Iniciação Científica durante a graduação, Harzheim conta que, desde o primeiro ano no curso de

Medicina, realizou apresentações no SIC. “O envolvimento com o Salão possibilita uma experiência concreta de todo o ciclo da produção de pesquisa e ajuda na certeza de seguir por esse caminho, se descobrir pesquisador e saber se gosta dessa área de atuação”, diz.

Em sua visão, o SIC ainda colabora com a organização e disciplina do bolsista de iniciação científica no cumprimento dos prazos e horários estabelecidos e no atendimento aos pré-requisitos de formatação de resumos e apresentações. Ele acrescenta que a apresentação é uma atividade que habilita o pesquisador para a carreira docente. “No fundo acaba funcionando como uma preparação para a docência, pois é a primeira possibilidade que o aluno tem de apresentar um conteúdo para um público desconhecido”, assinala.



ORGULHO DE VER SEUS ALUNOS SE APRESENTANDO

MIRIAM TELICHEVESKY

Graduada em Licenciatura em Matemática na UFRGS, com mestrado e doutorado pela mesma instituição. Coordenou o Festival de Matemática RS em 2017. Atualmente, é professora adjunta do Instituto de Matemática da UFRGS.

“Eu imaginava que a participação no Salão de Iniciação Científica seria muito importante para o meu futuro como cientista. Hoje, sei que apresentar é fundamental para exercitar o costume de falar em público e expor o que foi estudado, dentro de um determinado tempo, estando preparada para responder perguntas. Essas coisas nós aprendemos no Salão, e o que vem depois, como mestrado e doutorado, pode ser encarado com mais tranquilidade. A trigésima edição é um marco especial e espero daqui um tempo estar comemorando os 50 anos do SIC.”

A área de Ciências Exatas e da Terra possui um vasto campo de descobertas científicas, porém, na Matemática esses achados são raros. É o que conta a professora Miriam Telichevsky. Embora não exista uma metodologia específica, como é de costume presenciar dentro da universidade, a pesquisa em matemática proporciona ao pesquisador uma prática de estudo que pode lhe mostrar novos conhecimentos.

Ela foi Aluna Destaque no XVIII Salão de Iniciação Científica, em 2006. Seu trabalho relacionava uma propriedade do Triângulo de Pascal, descoberta por um matemático, com aplicações de Triângulos de Riordan na prova de identidades combinatórias. A professora relembra que, como era de praxe em seu grupo de pesquisa, estudou um artigo proposto por seu orientador e apresentou no

SIC uma análise a partir daquele texto. “Era uma euforia quando estava chegando o Salão, tínhamos que preparar o trabalho, mas era muito legal a sensação”, conta.

Foi no grupo de iniciação científica que Miriam foi entendendo do que se tratava e como procedia a pesquisa no ambiente da universidade. Ali ela também soube que a sua participação faria diferença em sua carreira. “O SIC, para os acadêmicos, é semelhante a uma experiência profissional como pesquisador: é um minifuturo”, acrescenta.

Por entender a importância que tem na carreira acadêmica a participação nesse evento, a docente faz com que todos os seus orientandos participem, mesmo que não sejam obrigados, e conta que o retorno sempre é assertivo. “Sinto orgulho de ver meus alunos se apresentando”, revela.



BOLSISTAS SERVEM DE EXEMPLO AOS DEMAIS ESTUDANTES

BRANCA FREITAS DE OLIVEIRA

Graduada em Engenharia Civil na UFRGS, com mestrado, doutorado e pós-doutorado realizados na mesma instituição. Atualmente é professora associada da UFRGS, bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e consultora ad hoc do CNPq.

“O Salão se tornou uma espécie de congresso, e é bastante importante que os graduandos participem, pois oferece um amadurecimento para a sua pesquisa e para eles mesmos. São as primeiras de muitas apresentações durante a trajetória deles. O SIC também é uma forma de divulgação que coloca os alunos-pesquisadores como exemplos para aqueles que podem se interessar em entrar em algum laboratório, bem como colabora para despertar interesses fora da universidade. Sou muito grata ao programa, e é por isso que sempre tenho orientandos.”

Após 12 anos ministrando aulas e realizando pesquisas científicas na área de Ciências Sociais Aplicadas da UFRGS, Branca Freitas de Oliveira ressalta que a Iniciação Científica é um grande berçário de pesquisadores.

Engenheira civil e professora da disciplina de Desenho Técnico 1A (disponível para as Engenharias, Design e Arquitetura da UFRGS), ela ingressou no Programa de Iniciação Científica em 1995, trabalhando com a implementação de elementos triangulares no Sistema Gerador e Analisador de Estruturas Lineares (Gaeli), um software computacional que realiza análise estática e dinâmica de estruturas através do Método dos Elementos Finitos, apresentando facilidades gráficas de entrada e saída de dados. A pesquisa lhe rendeu o Destaque no SIC. A professora conta que, na época, não existiam redes sociais e que, ao ver um

cartaz de divulgação da vaga, pensou que a sua participação no grupo de estudos seria positiva.

Para a docente, o SIC funciona como um espaço de divulgação, que incentiva alunos que ainda não participam do programa. Ela considera ainda que empresas e órgãos, atraídos pelos conteúdos das pesquisas expostas, podem vir a propor incentivos e aplicações práticas.

Como orientadora Branca tenta repetir os caminhos que seus professores percorreram, proporcionando uma boa acolhida na pesquisa e o incentivo a realizá-la com excelência. De acordo com ela, é função do professor orientador de iniciação científica direcionar e despertar no aluno o engajamento, fazendo com que produza algo que traga resultados efetivos.



ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO ACADÊMICA

RAPHAEL ZILLIG

Graduado em Filosofia na UFRGS, com mestrado e doutorado pela mesma instituição. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Filosofia da UFRGS e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

“Considero que a experiência do Salão de Iniciação Científica ajuda a familiarizar o aluno-pesquisador com as atividades de expor e debater em público o próprio trabalho. Além disso, o contato com os avaliadores oferece ao estudante o retorno de outros pesquisadores experientes, que não seu próprio orientador, permitindo que ele assimile o trabalho produzido a partir de diferentes perspectivas. A meu ver, o Salão promove o amadurecimento dos participantes em seu percurso formativo de pesquisa.”

Quando saiu de sua primeira apresentação no Salão de Iniciação Científica o professor do Departamento de Filosofia da UFRGS Raphael Zillig pode constatar a sua inexperiência na ocasião. No entanto, em 2000, o seu último ano como estudante do curso de Filosofia, recebeu o Destaque na área de Ciências Humanas. O trabalho “Termos singulares e predicação: a primeira pessoa” tratou de noções de si mesmo, ou seja, de identidade pessoal. Para ele, o prêmio foi um marco em sua trajetória profissional: “Além de fechar minha graduação, foi um sinalizador importante de que minha pesquisa tinha valor e que eu estava fazendo algo que poderia render frutos, que valia a pena investir. Foi a confirmação de que eu estava em um caminho que poderia dar retorno”, acrescenta.

O docente reforça a importância do contato com os avaliadores, que submete o trabalho do estudante ao julga-

mento de pesquisadores experientes, e não apenas do seu orientador. Em sua visão, o SIC estabelece o que classifica como “um conjunto variado de relações de interlocução acadêmica”, ou seja, além do parecer da banca avaliadora, o aluno tem a oportunidade de conhecer trabalhos de colegas, iniciando laços de cooperação acadêmica e trocando experiências.

Como orientador, Raphael destaca que a prática da iniciação científica durante a sua graduação hoje ajuda na atenção e na própria orientação aos alunos.

Na metodologia que adota em seu grupo de IC tem estimulado a autonomia dos estudantes, permitindo que identifiquem quais os vieses que mais os atraem no grande tema que estudam. Assim, pretende despertar um componente motivacional para desenvolver a pesquisa.



INICIAÇÃO À CIÊNCIA A PARTIR DE PROJETOS SIMPLES

AMANDA POSSELT MARTINS

Graduada em Agronomia pela UFRGS, com mestrado e doutorado na mesma instituição. Professora adjunta da Faculdade de Agronomia, com atuação nos cursos de Agronomia e Zootecnia e no PPG em Ciência do Solo. Recebeu o prêmio Scholar Award, do International Plant Nutrition Institut, e a medalha João Ruy Jardim Freire, pelo PPG em Ciência do Solo da UFRGS.

“O Salão de Iniciação Científica é um evento que integra muita gente, e isso é extremamente importante. Ele também é fantástico no que se refere ao autoconhecimento e, nesse sentido, minha experiência foi bastante positiva. Temos de nos desafiar, pois assim crescemos, e o SIC é uma oportunidade para isso, além de ser um momento em que é preciso demonstrar o conhecimento adquirido durante a pesquisa de forma clara.”

A participação do estudante de graduação na Iniciação Científica serve como um instrumento de descoberta de afinidades, ou não, com determinada área de pesquisa científica. Assim foi a formação da professora Amanda Posselt Martins. Aluna destaque três vezes durante a graduação (2008, 2009 e 2011), a pesquisadora lembra que quando entrou na UFRGS não entendia muito bem o que era nem como funcionava a pesquisa. No segundo semestre, foi convidada a participar de um grupo de estudos na área de solos, no qual se descobriu naquilo que gostava. “Eu nunca tinha pensado em trabalhar com solos, mas fui ficando e gostando”, conta.

Foram quatro apresentações no SIC e três destaques, sendo que o primeiro e o último ela classifica como especiais. O primeiro, pela surpresa de conhecer a premiação e pela superação de um desafio. O último, pelo trabalho

realizado já de forma autônoma, com o reconhecimento de uma pesquisa própria. Conforme ela, o SIC foi importante para seu autoconhecimento, pois foi o que a fez perder o medo e ganhar a confiança necessária para falar em público. “Mudou a minha vida, me preparou para a profissão que exerço hoje, que é ser professora”, conta. Compondo um quarto do seu currículo acadêmico, a iniciação científica foi determinante para que ela assumisse a vaga de docente ainda muito jovem.

Como orientadora Amanda procura fazer atividades ausentes em sua graduação. “É preciso falar às pessoas sobre ciência, dizer que existe e que elas podem crescer muito com isso dentro da universidade. Não tem necessariamente estar ligado a um programa de pós-graduação. O que o aluno precisa é ser iniciado à ciência, e isso é possível a partir de um projeto extremamente simples”, conclui.



APRESENTAÇÕES AJUDAM ALUNO A SE ENCAIXAR NO CURSO

CÉLIA DE FRAGA MALFATTI

Cursou graduação em Engenharia Metalúrgica, mestrado e doutorado em Engenharia, área de concentração Ciência e Tecnologia dos Materiais, pela UFRGS e pela Université Paul Sabatier. Atualmente é professora e pesquisadora da Escola de Engenharia, liderando o grupo de pesquisa Corrosão da UFRGS.

“Apresentar-se no SIC era, e ainda é, uma oportunidade para conhecer a pesquisa desenvolvida pelos colegas, bem como sintetizar o seu trabalho e pensar a respeito dele. É um momento de grande expectativa e muito importante, porque serve de motivação para que o aluno faça apresentações em outros lugares. Na Engenharia, temos interesse que todo o avanço que realizamos impacte no desenvolvimento da sociedade e da indústria. Por isso, o SIC é uma oportunidade para que os estudantes possam enxergar-se como profissionais.”

“A Engenharia é sinônimo de desenvolvimento e está presente em diversos setores. Temos interesse de que todo o avanço realizado impacte na sociedade e na indústria.” É assim que a professora e engenheira metalúrgica Célia de Fraga Malfatti define o papel da pesquisa científica na área das engenharias.

Destaque duas vezes com o mesmo estudo durante a graduação, Célia ganhou o Prêmio Jovem Pesquisador da Engenharia da UFRGS em 1995, na sua segunda participação. O trabalho consistia em uma análise eletroquímica de camadas fosfatizadas pelo método de curvas de polarização. Ela relembra que entrou no grupo de pesquisa porque tinha interesse em praticar o que aprendia na sala de aula,

além de ser motivada por uma professora. Segundo ela, durante a participação no programa de iniciação científica, não pensava em fazer mestrado e doutorado, muito menos em tornar-se docente. Por esse motivo, reconhece que os caminhos da sua carreira poderiam ser completamente diferentes caso não tivesse feito parte de uma pesquisa ainda na graduação.

Hoje, como orientadora de trabalhos apresentados no Salão de Iniciação Científica, Célia assevera ter um retorno muito positivo por parte dos bolsistas quanto às participações. “Acredito que as apresentações ajudam o estudante a se encaixar dentro do seu curso, além de dar-lhes um norte no seguimento da carreira”, conclui.



EXPERIÊNCIA ÚNICA E DIFERENCIAL NO CURRÍCULO

CRISTIANE MATTÉ

Graduada em Farmácia na UFRGS, com mestrado e doutorado em Bioquímica pela mesma instituição. Atualmente é professora adjunta do Departamento de Bioquímica do Instituto de Ciências Básicas da Saúde da UFRGS.

“O Salão de Iniciação Científica é um marco no ano de qualquer bolsista de iniciação científica, é uma expectativa, uma preparação muito grande. O estudante precisa apropriar-se da pesquisa para a apresentação do trabalho. Eu vivenciei isso e vejo que meus alunos também. Como orientadora, tento incentivá-los a fazerem o máximo que podem, para apresentar o melhor do seu trabalho. Não é à toa que nosso laboratório tem muitos destaques de sessão. O SIC estimula que os alunos demonstrem o melhor de si. É uma experiência única e um diferencial no currículo.”

Com um artigo publicado como primeira autora já na graduação, a professora do Departamento de Bioquímica da UFRGS Cristiane Matté considera a iniciação científica determinante na sua carreira profissional. Ela já nutria o desejo de tornar-se docente antes mesmo de ser bolsista, mas, quando ingressou no grupo de estudos, viu a possibilidade de associar pesquisa e docência.

A pesquisadora desenvolveu muitos estudos durante a graduação, tendo uma produtividade elevada. O esforço lhe rendeu o Destaque no Salão de Iniciação Científica, na área de Ciências Biológicas. Na ocasião, realizou um estudo relacionado à homocistinúria, doença que faz parte do grupo de erros inatos do metabolismo humano.

A professora classifica como “espetacular” a sensação de ter ganhado o prêmio. “Eu vinha desenvolvendo esse projeto durante quase quatro anos e, no final da graduação, ganhei”. Quase simultaneamente, ela ainda conquistou o Prêmio Destaque Iniciação Científica do CNPq. “Para mim, vencer esse dois concursos serviu como impulso para que eu seguisse na pós-graduação”, observa. Cristiane reforça que, para obter a distinção é preciso manter a atenção redobrada aos detalhes, cuidando para que todas as solitações estejam bem produzidas: resumo, apresentação, slides, defesa e respostas aos questionamentos feitos pela banca avaliadora. “Não é só estar ali. É preciso entender o que se está fazendo e passar confiança na hora da apresentação”, comenta.



DESMISTIFICANDO A CARA DO CIENTISTA

Quando questionada sobre a atual conjuntura político-econômica da área de ciência e tecnologia no Brasil, marcada por sucessivos cortes orçamentários, e sobre suas perspectivas para o futuro da ciência brasileira, Marcia Barbosa é enfática: “Luta para mim é verbo, e eu estou pronta, apesar de tantos anos de estrada. Meus alunos estão prontos para essa luta também. E eu espero que a gente contamine a sociedade”, reitera. Professora do Instituto de Física da UFRGS e membro titular da Academia Brasileira de Ciências, com graduação, mestrado e doutorado em Física pela UFRGS, além de alguns prêmios no currículo, como o L’Oréal-Unesco para Mulheres na Ciência e o Anísio Teixeira, da Capes, a carreira acadêmica de Marcia é marcada por batalhas desde o início.

Ela recorda que ao ingressar na universidade “era uma raridade”: mulher, em um curso bastante masculino, e estudante de escola pública. “Quando vou para o exterior, sou o diferente do diferente do diferente. Sou mulher, num meio masculino, sou uma brasileira com cara de latina. Aí se revelam todas as camadas de preconceitos a serem vencidos. É conquistar o teu espaço, conquistar a tua credibilidade, conquistar quem tu és”, descreve.

Para chegar aonde chegou, Marcia enfrentou a invisibilidade feminina. “Eu era transparente. Isso, às vezes, até pode ser bom. Sempre fui bastante politizada e era representante discente numa época em que a gente conquistou muito. Podia fazer coisas, passar informações. Ninguém achava que era eu, porque eu simplesmente não existia! Então, a transparência tanto pode ser conveniente quanto muito inconveniente. Tu vais apresentar um pôster, e ninguém dá bola para o que estás dizendo porque tu és mulher. Aí, vem o colaborador, começa a falar e todo mundo presta atenção ao que ele diz. Essa transparência feminina é uma constante. É nunca ser considerada a que vai dar certo, a que nasceu para brilhar. As pessoas têm essa visão de que quem tem de brilhar na área de exatas são os homens”, critica.



MARCIA BARBOSA

Professora do Instituto de Física da UFRGS e membro titular da Academia Brasileira de Ciências, com graduação, mestrado e doutorado em Física pela UFRGS.

No retorno ao Brasil, iniciou um levantamento no banco de dados da Plataforma Lattes para mostrar que o percentual de mulheres na área era pequeno e diminuía à medida que se subia na carreira. As ações colaboraram para a conquista de uma série de resultados, como o direito de licença-maternidade para bolsistas de mestrado, doutorado e produtividade. “Tive de abrir essa caixa de Pandora. Hoje, gasto parte do meu tempo livre viajando para falar de gênero”, complementa.

Conforme a professora, agora é preciso iniciar outra frente: o assédio. “Está na hora de abrir as nossas universidades para esse assunto, de começar a ter secretarias dedicadas a entender e resolver esse problema, de reeducar os nossos docentes, de mostrar que eles não podem tudo em sala de aula, de começar a ter testes de vies de gênero, que já são comuns nos Estados Unidos e no Canadá. A gente está perdendo pessoas talentosas, que desistem porque estão num ambiente hostil. Esse novo tema é dolorido, mas temos de enfrentá-lo”, denuncia.

Para Marcia, é fundamental combater o contexto atual de dismantelamento da ciência brasileira, pois os cortes orçamentários chegaram num momento de crescimento do número de pessoas formadas e da perspectiva de incorporação da ciência pela indústria. Nesse sentido, é fundamental o apoio da sociedade. “Obviamente, nem todo cientista tem a capacidade de conversar com as pessoas. Compreendo perfeitamente, mas acho que isso tinha de ser valorizado de alguma forma. E não é. A extensão em

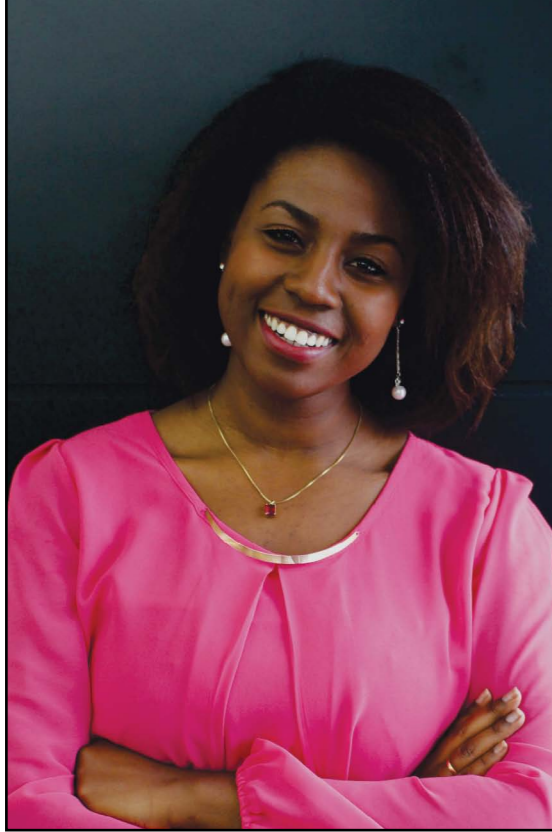
geral, não é vista como relevante, mas ela é um instrumento que garante que vou ter pressão junto aos deputados para conseguir mais verbas para ciência e tecnologia.”

Como exemplo dos bons resultados que ações de extensão e de divulgação científica podem gerar, Marcia menciona as atividades desenvolvidas pelo Instituto de Física da UFRGS, que levaram ao aumento da procura de estu-

dantes pela área na graduação. “Outras consequências são óbvias: as pessoas passam a reconhecer o cientista, porque viram a palestra, assistiram ao TED e outros meios começam a te contatar para tu falares... Isso desmitifica a visão do que é a cara do cientista, mostra que ele é uma pessoa normal, igualzinha a qualquer outra. Também é um trabalho importante para atrair mais gente para a ciência”, afirma a professora.



Há cerca de 20 anos, em paralelo a suas pesquisas sobre a água e suas anomalias, vem atuando nas questões de gênero na ciência, trabalho pelo qual foi premiada, em 2009, com a Nicholson Medal da American Physical Society. Começou com um grupo de discussão dentro da União Internacional de Física, criado com o objetivo de debater a participação das mulheres na ciência. A iniciativa culminou na organização de uma conferência internacional em Paris, com representantes de 75 países. “Quais são os problemas comuns? As mulheres não ascendem ao poder. Maternidade e carreira são questões comuns, assim como atrair jovens para a Física. Organizamos esses grupos que passaram a lutar nos seus países. Brinco que são as pequenas células terroristas que a gente montou e que conseguiram grandes avanços em alguns lugares”, revela.



CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DEZYREE RODRIGUES DA ROSA

“A Iniciação Científica é o primeiro passo para uma formação diferenciada no ensino superior. Ela auxilia no desenvolvimento da oratória, da escrita, do raciocínio lógico e da análise crítica, que são fatores essenciais para um bom profissional. Portanto, independentemente de seguir ou não a carreira acadêmica, apresentar uma pesquisa no SIC colabora para o crescimento do graduando, considerando que o aluno cotista, bem como os demais, deve preparar um bom currículo para apresentar-se futuramente no mercado de trabalho. Assim, é essencial que ele receba todas as ferramentas necessárias para realizar este tipo de trabalho.”

Currículo valorizado

A pesquisa científica é a maneira mais prática, desenvolvida ao longo dos anos, para descobrir, compreender e estabelecer uma relação com a sociedade. Nesse procedimento, muitos estudos expõem realidades que normalmente são desconhecidas ou não compreendidas em diversos espaços. Assim foi o trabalho destaque de Dezyree Rodrigues da Rosa apresentado durante o Salão de Iniciação Científica 2015, na área de Ciências Humanas, intitulado “A substituição indevida da ordem estatal por direitos inoficiais: da inefetividade dos estados sociais à emergência de pluralismos jurídicos questionáveis quanto a sua legitimidade”. O estudo buscava analisar a legitimidade e a extensão do poder dos traficantes em favelas, em virtude da falta de atuação do Estado.

Hoje já formada em Direito, Dezyree classifica o recebimento do prêmio de Jovem Pesquisador da UFRGS como

um divisor de águas em sua carreira. Após recebê-lo, ainda conquistou o Prêmio Nacional de Iniciação Científica. “A partir dessa premiação, penso que meu currículo se valorizou, pois fui contemplada com bolsas de estudos para intercâmbio, escolhida para representação em eventos nacionais e internacionais e recebi boas oportunidades de emprego”, destaca.

Para ela, é essencial que a orientação de uma pesquisa na iniciação científica supra as carências de todos os estudantes, observando suas deficiências educacionais, afastando inseguranças e fazendo o que for necessário para auxiliar no desenvolvimento de um bom trabalho. “É tarefa da universidade, por meio dos professores coordenadores dos grupos de pesquisa, encontrar a metodologia adequada a fim de incentivar os alunos, inclusive os alunos cotistas, para a iniciação científica”, reforça.



CIÊNCIAS AGRÁRIAS

CHRISTIAN LIMBERGER

“O Salão de Iniciação Científica é uma oportunidade para se desenvolver e uma forma de prestar contas do que estamos produzindo à sociedade. Já que é ela que financia nossas bolsas e fomenta nossa pesquisa, temos de dar um retorno. Além disso, dá mais visibilidade, o que possibilita que um maior número de pessoas acompanhe os trabalhos. Se não existirem projetos como o SIC, não tem desenvolvimento nem novas descobertas.”

Aprendizado, prática e retorno à sociedade

Ao ingressar no curso de graduação, muitos estudantes ficam perdidos diante de disciplinas gerais e não conseguem visualizar a aplicação prática da sua área. Nesse sentido, a iniciação científica pode servir de introdução àqueles que desejam uma imersão em um tema de seu interesse.

Para Christian Limberger, graduando em Engenharia de Alimentos e Aluno Destaque em 2016 na área de Ciências Agrárias no SIC, a participação como bolsista de iniciação científica foi seu primeiro contato com a pesquisa e proporcionou um aprendizado bastante rico.

Christian ganhou a distinção com uma pesquisa que visava desenvolver biscoitos sem glúten, utilizando a mucilagem extraída do cacto *Opuntia monacantha* em substituição às gomas comerciais, bem como adicionar a farinha de

cladódio desse cacto em diferentes concentrações, avaliando as características físico-químicas e sensoriais dos produtos criados.

Segundo ele, a crescente incidência de doença celíaca – reação imunológica à ingestão de glúten – tem estimulado a busca por alternativas à farinha de trigo em produtos de panificação, uma vez que a maioria das gomas utilizadas na produção desses alimentos é de custo elevado, apesar de existirem plantas nativas que apresentam alto potencial nessa área. Como o Rio Grande do Sul é um estado que tem a economia baseada em recursos agroalimentares, as pesquisas nessa direção são essenciais”, afirma o estudante, acrescentando ter ficado surpreso e estimulado com a premiação recebida: “Foi muito especial para mim, porque me deu a certeza que é algo que eu gosto e que deu certo”.



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES

DIEGO DA SILVA GROISMAN

“O Salão de Iniciação Científica deveria valer para o currículo como essencial, como uma forma de valorizar os trabalhos que estão sendo apresentados. A pesquisa é muito importante para trazer conhecimentos novos, e é fundamental que a comunidade acadêmica esteja envolvida com quem está produzindo esses saberes. É um investimento que precisa ser feito tanto pelo governo, financeiramente, quanto pelos pesquisadores.”

O Salão como resistência na educação

A procura por conhecimento e por novas descobertas faz parte da vivência humana e é importante para o desenvolvimento da sociedade. Na área de Linguística, Letras e Artes não é diferente. “A arte e a educação estão ligadas e as instituições precisam dar atenção”, diz Diego da Silva Groisman, formado em História da Arte pela UFRGS e Aluno Destaque por duas vezes durante a graduação.

Em 2017, ele venceu o Prêmio Jovem Pesquisador com um estudo sobre a trajetória e a obra do artista visual gaúcho Paulo Osório Flores, pioneiro na produção de obras de arte abstratas no Rio Grande do Sul.

Diego também apresentou o trabalho na Jornada Nacional de Iniciação Científica (JNIC), realizada na Universidade Federal de Alagoas, em Maceió. Recentemente, ingres-

sou no mestrado em Artes Visuais para dar continuidade à pesquisa, porém agora sob outro viés.

O estudante entende que se envolver no Salão de Iniciação Científica, como pesquisador e ouvinte, deveria ser um requisito no currículo dos cursos de graduação.

Para ele, o SIC simboliza um espaço importante no âmbito da educação e da divulgação de saberes. “Nós participamos porque realmente queremos que o conhecimento se expanda e, em um momento tão instável, o SIC é uma resistência na educação”. Embora tenha ficado bastante feliz pelas premiações e pelo reconhecimento de seu trabalho, considerando isso como um forte incentivo na carreira, alerta que o estímulo à pesquisa não pode ser baseado apenas em competições e prêmios.



CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA

NATÁLIA GAUER PASQUALON

“Eu apresentei como voluntária, pois tinha bolsa da Agência Nacional do Petróleo e considerava importante dar um retorno da pesquisa. Penso que o SIC é uma oportunidade para mostrar à sociedade o que está sendo feito na universidade. Tem muita ciência boa sendo desenvolvida, mas não é conhecida, e o Salão ajuda a divulgar. Além disso, é uma troca muito rica, tanto para quem apresenta quanto para quem assiste, já que ficamos sabendo o que os colegas estão fazendo também.”

Reconhecimento pelo esforço realizado

As Ciências Exatas e da Terra possuem um amplo campo de atuação, tendo como característica a presença de disciplinas baseadas em cálculos físico-matemáticos. A área envolve matérias como a Matemática, a Informática e a Geologia, sendo que esta última tem cada vez mais participação em questões do meio ambiente.

Neste campo, são estudadas a origem, a estrutura, a composição e as transformações da crosta terrestre. Também são analisados os fósseis e minerais e a topografia dos terrenos; localizadas e acompanhadas a exploração de jazidas de minério, depósitos subterrâneos de água e reservas de petróleo, carvão mineral e gás natural.

Natália Gauer Pasqualon escolheu a Geologia. Já formada, foi Aluna Destaque em 2017 no Salão de Iniciação Cientí-

fica. A pesquisa foi realizada na Ilha da Trindade, na costa do estado do Espírito Santo, constituída por cinco unidades vulcânicas. O objetivo era apresentar os dados da estratigrafia e petrografia do Vulcão do Paredão, que representa o último episódio de vulcanismo registrado no Brasil.

Na ocasião do Destaque, apresentou o trabalho no SIC voluntariamente, a partir de uma bolsa de pesquisa concedida pela Agência Nacional do Petróleo. Isso representou uma significativa parte da sua formação, bem como lhe trouxe conhecimentos para além da sua pesquisa.

Quanto ao prêmio, Natália diz que ter seu estudo reconhecido foi uma experiência muito positiva, pois significa a valorização do esforço realizado, principalmente para quem pretende seguir a carreira acadêmica.



ENGENHARIAS

BRUNA BONATTO BUFFON

“Não existe engenharia sem desenvolvimento tecnológico, sem a criação de novas abordagens. A engenharia não vive sem a pesquisa, e é bom o modo como a UFRGS entende o quanto é importante valorizar isso, mesmo com cortes de verba. Participar do Salão de Iniciação Científica foi uma experiência positiva, e é fundamental termos esse espaço para o reconhecimento da pesquisa e para mostrar a relevância dos projetos em que estamos trabalhando.”

Valorização da ciência em tempos de crise

Inovar em soluções e impulsionar a pesquisa é um dos caminhos para o desenvolvimento da ciência na universidade. Bruna Bonatto Buffon, graduanda em Engenharia de Energia e Aluna Destaque da área de Engenharias no Salão de Iniciação Científica em 2017, considera muito interessante o modo pelo qual a UFRGS valoriza o evento, mesmo com dificuldades financeiras. “Normalmente, o que vemos em instituições públicas é que quando há cortes de verbas, simplesmente se acaba com aquele projeto. Na UFRGS não, a Universidade reconhece a importância do Salão e faz o possível para que ele seja realizado e, sobretudo, bem feito”.

A estudante foi premiada com um trabalho que visou o desenvolvimento e a produção, por meio da plataforma Arduino, de um sensor de densidade ótica automatizado

de baixo custo, para o monitoramento do cultivo de microalgas em fotobiorreatores. De acordo com ela, as microalgas têm grande potencial na produção de biocombustível e outros produtos químicos de alto valor agregado, além de já serem utilizadas no mercado como suplemento alimentar e na aquicultura.

Bruna vê o SIC como um espaço para divulgar sua linha de estudos: “Poucos trabalham com microalgas, e o Salão, ao abrir espaço para a exposição de trabalhos, provoca as pessoas para que acabem se interessando por essa área também. A iniciação científica oportuniza crescimento para o estudante pesquisador, por isso é importante que a universidade proporcione acesso a todos, que ajude os alunos oriundos de um ensino básico fraco a recuperar as lacunas, a fim de formar profissionais com excelência”.



CIÊNCIAS DA SAÚDE

LUIZA FERREIRA SPERB

“Desde o começo da graduação, percebi o forte estímulo à pesquisa na Universidade e sua importância em minha formação. Sempre vi esses três pilares: a prática, a pesquisa e a parte acadêmica. Apresentar no SIC enaltece o que está sendo produzido, colocando a responsabilidade de apresentação para o aluno e puxando o foco para ele, fazendo-o crescer e já se ver como profissional.”

Preparação para exercer múltiplas funções

As nações mais desenvolvidas têm no avanço tecnológico um elemento fundamental para seu crescimento. Esse progresso é de extrema importância nas aplicações práticas do dia a dia. Luiza Ferreira Sperb foi Aluna Destaque da área de Ciências da Saúde no Salão de Iniciação Científica de 2017 e conta que ficou surpresa com a premiação, pela qualidade dos projetos e pela exigência na área. Mas, ainda assim, acreditava que seu trabalho tinha potencial e que o tema chamava a atenção.

Ela estudou a suplementação de vitamina D com o objetivo de diminuir a pressão arterial em pacientes diagnosticados com Diabetes Tipo 2 e Hipertensão Arterial Sistêmica. Ainda durante o segundo semestre de seu curso de graduação, foi convidada a fazer parte do grupo de pesquisa. Luiza recorda que, no início, realizava apenas atividades

mais burocráticas, como coletar informações dos pacientes, mas, posteriormente, ingressou na pesquisa de fato.

A estudante já havia apresentado trabalhos no SIC na mesma linha de pesquisa do Destaque, porém sempre trazendo resultados preliminares, até que em 2017 conseguiu exibir o estudo completo: “Foi bem gratificante, deu para ver que as coisas que a gente faz dão frutos”. Ela acredita que a iniciação científica proporciona ao aluno pesquisador muita base e oportunidade para entender o meio científico, além de prepará-lo para exercer diversos tipos de funções quando de seu ingresso no mercado de trabalho. “A união da pesquisa com a prática te faz crescer muito como aluno, te insere em um ambiente que tem outras atividades e que só engrandece teu currículo como profissional”, ressalta.



CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

AMANDA STALDONI ALMEIDA

“O Salão de Iniciação Científica é muito bom para obter experiência para apresentar em público, saber montar o trabalho, responder à banca, fazer com que as pessoas entendam o que estamos fazendo. Depois de várias apresentações, já estava habituada. É uma preparação para a nossa atuação em eventos maiores. Para mim, a iniciação científica foi muito boa, me deu um norte e facilitou meu caminho.”

Carreira norteada pela iniciação científica

Os objetivos da iniciação científica não se limitam a desenvolver o estudante para torná-lo cientista ou professor. Ela auxilia no rendimento em sala de aula e amplia habilidades como organização e concentração. É por este caminho que o curso de Biomedicina da UFRGS segue incentivando a participação acadêmica.

É o que conta Amanda Staldoni Almeida, Aluna Destaque na área de Ciências Biológicas no Salão de Iniciação Científica de 2017, graças a um projeto que tratou das diferenças na morfologia neuronal e no comportamento de ratos pré-púberes do modelo animal do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Ela relembra que estava no segundo semestre quando viu o anúncio de bolsa de iniciação científica. Achou o tema criativo e interessante, uma vez que a linha de pesquisa

geral do grupo é ligada a estudos sobre cafeína. Agora, já formada, a biomédica segue fazendo doutorado.

Por exigência do curso, Amanda apresentou trabalhos no SIC desde 2014 e conta que, no ano da premiação, já estava familiarizada com o modelo do evento. Para ela, o Salão oportuniza a experiência e serve como guia que ajuda na trajetória profissional. “Após várias participações, aprendemos como apresentar em público, montar nosso trabalho, responder à banca e fazer com que as pessoas entendam o que estamos fazendo”, ressalta.

No ano em que foi destaque, a biomédica não esperava ganhar. “Foi uma surpresa, realmente não estava esperando”. Ela define o prêmio como um reconhecimento pelo trabalho que realizou e como um incentivo para continuar nesse caminho.



CIÊNCIAS HUMANAS

ROBERTA FRANCIELI DA SILVA

“Na iniciação científica, a sensação é de fazer parte de um todo, mas também consigo reconhecer o meu papel no grupo. É importante a inserção do aluno para que ele se sinta participante. Isso auxilia no desenvolvimento acadêmico e permite que, com autonomia, cada um coloque um pouco da sua cara naquele projeto. É mais gratificante apresentar um trabalho em que ganhamos essa liberdade.”

Autonomia do aluno pesquisador

A iniciação científica não diz respeito apenas à criação ou ao aperfeiçoamento de tecnologias. As ciências humanas – um conjunto de conhecimentos que tem como objetivo o estudo do homem como ser social –, também são contempladas. Nesta área, busca-se desvendar as complexidades da sociedade, suas criações e pensamentos, bem como compreender as relações, como se formam e de que maneira elas vão se estabelecendo ao longo do tempo. No Salão de Iniciação Científica de 2017, Roberta Francieli da Silva, graduanda de Psicologia, conquistou o Destaque da área de Ciências Humanas, com um trabalho que buscava entender como os adolescentes que cumpriam medida socioeducativa viam, percebiam e se sentiam em relação aos agentes socioeducativos.

Ela interessou-se pelo tema a partir de uma disciplina da graduação que tratava de jovens em conflitos com a lei e a

relação com a Psicologia. Mais tarde, buscou um grupo de estudos com essa linha de pesquisa. “Participar de várias fases da pesquisa despertou a sensação de fazer parte de um todo e também de reconhecer o meu papel naquele projeto”, conta. Para Roberta, o Salão de Iniciação Científica é um excelente espaço para trocas de conhecimento. “É um momento para ver o que está sendo produzido de novo e de relevante na Universidade, e o que pode ser levado para a prática em outros locais”, diz.

Egressa de escola pública, Roberta conta que “foi difícil pegar a carga de leitura, então foi um pouco penoso, mas tudo se ajusta e é melhor quando temos um local onde nos sentimos úteis”. A estudante teve o apoio e orientação dos professores desde o início. “Essa ajuda nos coloca no mesmo nível de outros alunos. O sentimento é de que não vamos ficar para trás”, revela.

RECONHECIMENTO AOS JOVENS PESQUISADORES

No final dos anos 1980 e início da década de 1990, as barreiras impostas pela antiga Lei de Informática então vigente no país, aliadas ao alto custo dos equipamentos, levaram a organização do Salão de Iniciação Científica a instituir como premiação para os alunos que se destacassem a entrega de um computador pessoal.

Com o fim daquelas restrições, a Pró-reitoria de Pesquisa resolveu solicitar ao Setor de Criação da antiga Coordenadoria de Comunicação Social da UFRGS o desenho de um troféu para marcar o reconhecimento dos jovens cientistas. A princípio, a peça foi pensada para servir como suporte aos antigos disquetes. Ao longo do tempo, o desing da estrutura foi sendo modificado e adaptado às necessidades do SIC, conforme o sistema de avaliação dos trabalhos se complexificava e se diversificava.

Até hoje a cerimônia de premiação, na qual são conhecidos os Alunos Destaques de cada sessão, atrai uma multidão ao Salão de Atos da Universidade, já que é somente naquele momento que os estudantes ficam sabendo quem foram os bolsistas agraciados de cada uma das oito áreas do conhecimento e quem é o grande vencedor do Troféu Jovem Pesquisador.



2017 - Luiza Ferreira Sperb, Amanda Staldoni Almeida, Bruna Bonatto Buffon, Esther Wyse de Lucena, Paula Viero Marchioretto, Diego da Silva Groisman, Natália Gauer Pasqualon, Roberta Francieli da Silva

2016 - Helena Schneider, Charlene Cabral Pinheiro, Christian Limberger, Jéssica Francielle Teixeira Chaves Petry, Stéphanie Strzykalski e Silva, Andréia Silva da Rocha, Julio Cesar Veiga Bezerra, Valdomiro Machado

2015 - Mariana Soares da Silva, Marcos Iuri Roos Kulmann, Bibiana Franzen Matte, Viktor Saraiva Camara, Wagner Lemes do Nascimento, Dezyree Rodrigues da Rosa, Nikolas Feijo, Mateus Zanolla Chaves

2014 - Douglas Rosa da Silva, Alicia Corbellini Piffer, Alissa Gottfried, Guilherme Bauer Negrini, Lucas Cardoso Martini, Luísa Vieira Lucchese, Taís Altmann, Vicente Costamilan da Cunha

2013 - André Corrêa da Silva de Araujo, Demétrius William Lima, Herbert Walter Hermann, Luiza Fichtner Aydos, Rafael Souza Barbosa, Andre Weijh, Francine Harb Corrêa, Ismael Verrastro Brack

2012 - Fernando Mafalda Freire, Álvaro Zacarias Alves Vilaverde, Janaina Tatim, Jessica Weiler, Mariana Klein, Voltaire Dutra Paes Neto, Lucas Cardoso Martini

2011 - Fabrício Diniz Dutra, Ana Claudia Ramos Berreta, Ana Cristina Crossetti Vidal, Paula Dapper Santos, Rosana dos Santos Oliveira, Tiago Gautier Ferreira Borges, Anelise Audibert, Luana Silveira de Oliveira

2010 - Tatiana Scheeren de Oliveira, Guilherme de Lemos Pinto

Aydos, Laura Espíndola Argenti, Marília da Silva Bianchini, Priscila Godoy Muzykant, Maura Bombardelli, Clayton Kunio Fukakusa, Daniel dos Santos Corrêa

2009 - Carolina Freitas Vieira, Jacqueline Flores Schmitz, Josué Haubrich, Márcia Regina de Oliveira Pedroso, Milena Meyrer da Silveira, Moisés Kopper, Patricia dos Santos Silveira, Ronaldo Rodrigues Ferreira

2008 - Marcelo Hoerbe Andrighetti, Jessie Pereira dos Santos, Matheus Adam, Helena Lobato da Jornada, Laura Stertz, Renata Santiago Ramos, André Markus, Willian Moreno Boenavides

2007 - Luana Almeida Fiel, Fabrício Figueiró, Luisa Andrade de Souza, Felipe Homrich da Jornada, Pâmela Caroline Stocker, Mário Ballve Prates, Cristiano Feltrin, Renata Durgante

2006 - Rafael Anzanello, Fernanda Thiesen Brum, Leonardo Leiria de Moura da Silva, Lívia Streit, Maria Paula Prates Machado, Philippe Eduardo Schefer Berman, Daniela de Bacco Freitas, Maico Santos Silveira

2005 - Luciano da Ros, Thiago Rosa Figueiro, Andre Felipe Streck, Debora Allebrandt, Roberta Davis, Emilene Barros da Silva Scherer, Eduardo Fontana, Rafael De Oliveira

2004 - Cristiano Feltrin, Cristiane Matte, Gabriela Salatino Liedke, Stéfano Drimon Kurz Mór, Luciana Fernandes Boeira, Maria Clara Jobst de Aquino, Keyla Djamyra Chaves dos Santos, Simone Diefenbach Borges

2003 - Maristella Fiess Camillo, Marta Knijnik Lucion, Gustavo de Azambuja Pereira Filho, Miriam Reichel, Charteris Santos, Shana Sabbado Flores, Caroline Haas, Camila Bauer Bronstrup



O primeiro **Troféu Destaque SIC** passa a ser entregue aos alunos destaque em 1999. Em metal com base de madeira, tem a forma de uma lâmpada, símbolo do Salão. A partir de 2005, é feito em acrílico, recebendo uma nova cor a cada edição. Em 2001, surge o **Troféu Jovem Pesquisador** em formato de dois fios numa referência à pesquisa e ao pesquisador, assim permanecendo até 2002. No ano seguinte, retorna ao desenho de lâmpada, sendo confeccionado em acrílico e metal dourado. De 2005 a 2015, retoma a proposta dos dois fios, com novo design. Em 2016, é elaborado em alumínio nas cores azul e vermelho. Os troféus são criação de Rosâne Vieira, designer gráfica da SECOM.

2002 - Fernanda Junges Frantz, Mario Luiz Conte da Frota Junior, José Miguel Silva Dora, Tatiana Fernandes Azevedo de Vargas, Regina Rodrigues da Silva, Mariana Souza Pargendler, Hugo Leonardo Rocha Alves, Paula Biegelmeier Leão

2001 - João Ricardo Bittencourt, Flávia Helena da Silva, Marcio Afonso Schmidt, Denise Paschoal Soares, Luiz Felipe Lecznieski, Patricia Ullmann Palermo, Juliana Brandão Machado, Alexandre Bastos Demetrio

2000 - Ana Nery Furlan Mendes, Luiz Ernesto Costa Schmidt, Antônio Shigheaki Takimi, Cleber de Lima, Christian Oliveira Reinehr, Patricia Ullmann Palermo, Rafael Zillig, Leandro Lara

1999 - Ana Beatriz Gorini da Veiga, Eduardo Marcant Engelsing, Fabiano Pellin Mielniczuk, Fábio Costa Morosini, Leonardo Alexandre Tartaruga, Marcos Vinícios de Souza, Pablo David Grigol Martinez, Simone Maria Marcon

1998 - Andrea Von Groll, Claudia Santana Gaya, Fabiano Pellin Mielniczuk, Mauricio Mancio, Ricardo Araujo Barberena, Rogerio Aparecido Fernandes de Carvalho, Sandro Caldeira Javiel e Vanessa Monteiro Fonseca

1997 - Não houve premiação

1996 - Enio Luis Ribeiro de Brito, Cristiane Amaro da Silveira, João Luciano de Quevedo, Felipe Dal Pizzol, Alexandre O. de Almeida, Juliana Weidlich, Anelise Leuckert, Cláudia Regina Becker, Frederik Fabris, Eduardo Fischli Laschuk, Eduardo Guimarães Barboza, Mário José Lopes Guimarães Jr., Marília de Azambuja Ribeiro, Marcelo Carvalho

Rosa, Ivana Verle, Fabiano Engelmann, Jurani de Mello Faria Jr, Caio Marcelo Marques, Carla Elsuffi Borges

1995 - Dani Rudnicki, Fabiana Forell, Jorge de Faria Maraschin, Letícia Liesenfeld Erdtmann, Marcelo Beninca, Marcelo Hornos Steffens, Mariana Franciosi Tatsch, Rafael Rigão Souza, Raquel Denise Petry, Sandra Maximo Cardoso, Silvana Maria Aranda, Vanessa Moraes de Andrade

1994 - Adriana de Souza Kuchenbecker, Ana Paula Weissheimer, André Luiz Hebmuller, Christian Bredemeier, Cláudia Enk de Aguiar, Evelyn Koeche Schroeder, Inês Martina Lersch, Luciana Prass, Marcelo Böhrer Guarita, Miguel Arturo Chamorro Vergara, Renan Marcelo dos Santos Aprato, Simone Yamasaki

1993 - Liane Roldo, Evandro Gottardo, Andréa Brondani da Rocha, Andréa Regner, Rita de Cássia Alves, Fernanda Teixeira dos Santos, Viviane Stunpf Stein, Homero Diaz de Almeida, Elaine Ramos da Silva, Marildo José Nercolini

1992 - Heston Silveira, Mariane Axt, Cláudia Verdum Viegas, Maurício Lehmann, Luciano Percival Krug, Alexandre Toshirrico Cardoso Taketa, Mauro Grun, Cristina Bellini

1991 - Evandro Bratti, Alex Guazzelli, Marcio Garcia Luisi, Elena Charlotte Landau, Adriane Regina Todeschini, André Luís Ramos Soares, Nisiane Franklin da Silva

1990 - Francine Furtado Nachtigall, Márcia Machado, João Hector Lopes Zanette, Vee Wong, Mirian Brunstein, Marco Antônio Mello, Leandro Bazei

1989 - Lúcio Marin Martins, Newton Krás Borges, Gilson Luis da Cunha, Eduardo Vélez, Ilza Praxedes do Canto, Valéria Oliveira

NOS BASTIDORES DO EVENTO

A fim de que cada edição do Salão de Iniciação Científica ocorra, um grande contingente de técnicos, docentes e bolsistas precisa trabalhar por muitos meses em seu planejamento. Essa atuação, praticamente invisível aos olhos do público, garante desde a montagem dos estandes, passando pela correta sinalização dos espaços, pela instalação das redes elétrica e de dados, pela distribuição do mobiliário necessário à ambientação dos estandes, até o treinamento e a alocação dos bolsistas que irão auxiliar na realização das palestras, mini-cursos, oficinas e atividades culturais.

Além disso, em uma etapa anterior é preciso criar a identidade visual, conceber e executar as peças gráficas que irão servir para dar visibilidade ao SIC. Finalmente, é necessário planejar a forma como o evento será divulgado por meio das diferentes plataformas gerenciadas pela Secretaria de Comunicação Social da Universidade. O conjunto dessas atividades depende do empenho de inúmeros profissionais técnicos que, cada um em sua especialidade, contribuem para o sucesso continuado dessa iniciativa.



UM EVENTO, MUITOS ATORES



Em suas 30 edições, o Salão de Iniciação Científica vem apresentando os projetos desenvolvidos pelos alunos bolsistas de iniciação científica da UFRGS e de outras universidades. O SIC, como é conhecido, envolve mais de 3.000 pessoas entre alunos pesquisadores, professores orientadores, avaliadores e convidados. Para expor a riqueza desse universo durante cinco dias, a Universidade conta com o empenho de seus servidores técnico-administrativos. Dessa maneira, grupos de trabalho de organização, infraestrutura, comunicação, sinalização e divulgação são constituídos a fim de que na hora do evento tudo esteja pronto e os pesquisadores possam usufruir de uma boa estrutura para a divulgação de suas pesquisas.

MARCIA DIEHL MOELLER

Especialista em Marketing pelo PPGA-UFRGS e mestre em Saúde e Desenvolvimento Humano pela Universidade La Salle, é gerente-administrativa da Pró-reitoria de Pesquisa.

BRUNO CASSEL NETO

Graduado em Administração pela PUC-RS, mestrando do PPG em Ciências Médicas na UFRGS e vice-pró-reitor de Pesquisa.

ROSÂNE VIEIRA

Graduada em Artes Visuais pela UFRGS e mestre em Design e Tecnologias pela mesma instituição. Atualmente é designer gráfica na Secretaria de Comunicação da UFRGS.

Ao longo dessas três décadas, muitas tecnologias foram desenvolvidas, e o SIC acompanhou essas mudanças, seja no formato das inscrições ou das apresentações. O que antes era um grande quebra-cabeça, como a exposição e a distribuição dos pôsteres em suas diferentes áreas, que exigiam a elaboração de mapas e cronogramas, hoje são feitos no ambiente virtual. Ao invés de um amplo espaço para exposição, atualmente três ou quatro totens digitais exibem, em rede, os cerca de 3.500 trabalhos inscritos em cada edição. Esses novos procedimentos são possíveis graças à equipe do Centro de Processamento de Dados, que prepara o processo de inscrições e o banco de dados que permite o acesso e a avaliação de todos os trabalhos.

No entanto, a logística do Salão segue sendo complexa. A Superintendência de Infraestrutura (SUINFRA) faz a distribuição de espaços, enquanto a Pró-reitoria de Planejamento (PROPLAN) providencia a locação e a compra dos materiais necessários à realização do evento.

O SIC também exige a montagem de uma rede de suporte, tanto de informática quanto de operação, trabalho no qual, outra vez, a colaboração do Centro de Processamento de Dados se mostra fundamental.

O planejamento dessa estrutura começa com alguns meses de antecedência, envolvendo desde as equipes diretivas de cada unidade até setores como elétrica, locação de equipamentos, sinalização e divulgação.

Enquanto isso, na PROPESQ, os servidores seguem atuando para garantir que o SIC aconteça da melhor forma possível. Isso envolve recebimento e divulgação das inscrições, envio de convites aos professores avaliadores, distribuição das áreas e sessões, seleção de monitores, montagem dos espaços de exposição e avaliação, entre outras atividades.

Finalmente, no momento da divulgação dos premiados, o trabalho dos técnicos está mais uma vez presente, por meio da criação de troféus e da identidade visual, dos

cenários, da produção de fotografias, da cobertura e da divulgação nas mídias digitais e impressas. É o trabalho da Secretaria de Comunicação Social (SECOM) e do Cerimonial do Gabinete, setores atuantes desde a abertura até o encerramento do SIC.

Os técnicos administrativos que trabalham pelo Salão integram uma grande equipe que acredita no potencial da Iniciação Científica para o futuro da vocação científica, capaz de oferecer ao jovem cientista conhecimentos essenciais para seguir a carreira de pesquisador e para o futuro da ciência. São eles, ao lado de docentes e discentes, que tornam possível a realização de um evento anual desse porte. Desde as edições iniciais, a ampla contribuição dos técnicos tem colaborado para ressaltar a importância da IC no contexto da pesquisa institucional, nacional e internacional de nossa Universidade. E essa dedicação igualmente colabora para a socialização do conhecimento, advindo do fazer científico recheado de novas ideias e contribuições que revigoram a UFRGS e o fazer diário de todos aqueles que a compõem.

UM SONHO TECIDO A MUITAS MÃOS

(...) “A paisagem que víamos através desta janela foi ganhando forma, foi se traduzindo em cores: na discussão do programa de iniciação científica, definiu-se a criação de um evento que pudesse dar conta de vários objetivos; entre eles, divulgar e estimular os trabalhos de iniciação científica, valorizar essa atividade no âmbito da pesquisa e, ao mesmo tempo, fazer o acompanhamento desses trabalhos.”

Uma comissão foi instituída e logo começamos a trabalhar na formatação do evento juntamente com a PROPESQ. Assim, com a expectativa do sonho tecido a muitas mãos, nasceu o 1.º SIC em 1989, com 198 trabalhos expostos no ICBS no corredor que levava à Bioquímica. A partir daí, o Programa de IC e o SIC estavam com suas trajetórias interligadas, principalmente em seu maior objetivo: a pesquisa.”

Trechos extraídos do discurso da servidora técnico-administrativa Marininha Aranha Rocha por ocasião da sessão solene de outorga do Título de Funcionário Emérito, em 16/12/2010. Atualmente aposentada, Marininha teve relevante papel na criação do I Salão de Iniciação Científica, bem como na montagem da Feira de Iniciação Científica e do Salão UFRGS Jovem, participando ativamente por mais de 20 anos desses importantes eventos relacionados à pesquisa.

(...) “A experiência da criação do Salão com a iniciação científica recebeu a acolhida da comunidade desde o primeiro evento realizado. E me pergunto: por que a iniciação científica é tão importante? Porque busca o conhecimento, envolve orientadores, estudantes de graduação, reúne atividades que contribuem para a formação dos estudantes, porque estimula a participação em grupos, colabora com a produção científica, amplia a formação de doutores e, o mais importante, propicia a preparação para gerações futuras.”



MARININHA ARANHA ROCHA



LINHA DO TEMPO

Acesse a versão completa dos livros de resumo no Lume a partir do endereço: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/41522>

<p>1989</p> <p>Edição - I SIC UFRGS Data - 6 a 10/11 de 1989 Nº de trabalhos inscritos - 198 Nº de sessões - 15 Nº de prêmios - 6 Nº de menções honrosas - 12</p> <p>Identidade Visual: Programa UEPV, Programa Experimental de Programação Visual Faculdade de Arquitetura UFRGS Coordenadora: Anna Maria Py Daniel Busko</p>	<p>1991</p> <p>Edição - III SIC UFRGS Data - 4 a 8/11 de 1991 Nº de trabalhos inscritos - 725 Nº de sessões - 48 Nº de prêmios - 7 Nº de menções honrosas - 36</p> <p>Programa UEPV Programa Experimental de Programação Visual Faculdade de Arquitetura UFRGS</p>	<p>1993</p> <p>Edição - V SIC UFRGS Data - 4 a 8/10 de 1993 Nº de trabalhos inscritos - 801 Nº de sessões - 58 Nº de prêmios - 10 Nº de menções honrosas - 57</p> <p>Identidade Visual: Ana Cláudia Gruszynski</p>	<p>1995</p> <p>Edição - VII SIC UFRGS Data - 16 a 20/10 de 1995 Nº de trabalhos inscritos - 1055 Nº de sessões - 97 Nº de prêmios - 12 Nº de menções honrosas - 58</p> <p>Identidade Visual: Luis Mário Verdi</p>	<p>1997</p> <p>Edição - IX SIC UFRGS Data - 15 a 19/09 de 1997 Nº de trabalhos inscritos - 1514 Nº de sessões - 147 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 95</p> <p>Identidade Visual: Luiz Augusto de Barros</p>	<p>1999</p> <p>Edição - XI SIC UFRGS Data - 25 a 29/10 de 1999 Nº de trabalhos inscritos - 1766 Nº de sessões - 151 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 115</p> <p>Identidade Visual: Daniela Albuquerque Délia</p>	<p>2001</p> <p>Edição - XIII SIC UFRGS Data - 11 a 15/03 de 2001 Nº de trabalhos inscritos - 2279 Nº de sessões - 228 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 164</p> <p>Identidade Visual: Adriana Thiemi Tazima Wu Day Yi</p>	<p>2003</p> <p>Edição - XV SIC UFRGS Data - 24 a 28/11 de 2003 Nº de trabalhos inscritos - 2829 Nº de sessões - 286 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 221</p> <p>Identidade Visual: Fernanda Reis Schreiner</p>	<p>2005</p> <p>Edição - XVII SIC UFRGS Data - 17 a 21/10 de 2005 Nº de trabalhos inscritos - 2992 Nº de sessões - 303 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 330</p> <p>Identidade Visual: Karen Paiva Henrique Rodrigo Mathias Duro Teixeira</p>	<p>2007</p> <p>Edição - XIX SIC UFRGS Data - 21 a 26/10 de 2007 Nº de trabalhos inscritos - 3028 Nº de sessões - 327 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 327</p> <p>Identidade Visual: Leonardo Araújo dos Santos</p>	<p>2009</p> <p>Edição - XXI SIC UFRGS Data - 19 a 23/10 de 2009 Nº de trabalhos inscritos - 3015 Nº de sessões - 343 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 283</p> <p>Identidade Visual: Simone Rocha da Conceição</p>	<p>2011</p> <p>Edição - XXIII SIC UFRGS Data - 3 a 7/10 de 2011 Nº de trabalhos inscritos - 2387 Nº de sessões - 286 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 235</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>	<p>2013</p> <p>Edição - XXV SIC UFRGS Data - 21 a 25/10 de 2013 Nº de trabalhos inscritos - 2716 Nº de sessões - 308 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 252</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>	<p>2015</p> <p>Edição - XXVII SIC UFRGS Data - 19 a 23/10 de 2015 Nº de trabalhos inscritos - 2591 Nº de sessões - 307 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 284</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>	<p>2017</p> <p>Edição - XXIX SIC UFRGS Data - 16 a 20/10 de 2017 Nº de trabalhos inscritos - 2555 Nº de sessões - 294 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 277</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>
<p>1990</p> <p>Edição - II SIC UFRGS Data - 22 a 26/10 de 1990 Nº de trabalhos inscritos - 436 Nº de sessões - 23 Nº de prêmios - 7 Nº de menções honrosas - 19</p> <p>Identidade Visual: Programa UEPV, Programa Experimental de Programação Visual Faculdade de Arquitetura UFRGS Coordenadora: Clarissa Martins de Lucena</p>	<p>1992</p> <p>Edição - IV SIC UFRGS Data - 26 a 30/10 de 1992 Nº de trabalhos inscritos - 689 Nº de sessões - 38 Nº de prêmios - 8 Nº de menções honrosas - 35</p> <p>Identidade Visual: Ana Cláudia Gruszynski</p>	<p>1994</p> <p>Edição - VI SIC UFRGS Data - 6 a 10/10 de 1994 Nº de trabalhos inscritos - 973 Nº de sessões - 92 Nº de prêmios - 12 Nº de menções honrosas - 52</p> <p>Identidade Visual: Carlos Eduardo Foppa e Janice Alves Cancela</p>	<p>1996</p> <p>Edição - VIII SIC UFRGS Data - 9 a 13/09 de 1996 Nº de trabalhos inscritos - 1456 Nº de sessões - 147 Nº de prêmios - 19 Nº de menções honrosas - 20</p> <p>Identidade Visual: Gilberto Gonçalves</p>	<p>1998</p> <p>Edição - X SIC UFRGS Data - 19 a 23/09 de 1998 Nº de trabalhos inscritos - 1705 Nº de sessões - 158 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 121</p> <p>Identidade Visual: Tatiana Antoniazzi Brugalli</p>	<p>2000</p> <p>Edição - XII SIC UFRGS Data - 11 a 15/09 de 2000 Nº de trabalhos inscritos - 1878 Nº de sessões - 204 Nº de prêmios - 9 Nº de destaques - 135</p> <p>Identidade Visual: Cecilia Mattos Mueller</p>	<p>2002</p> <p>Edição - XIV SIC UFRGS Data - 2 a 6/12 de 2002 Nº de trabalhos inscritos - 2698 Nº de sessões - 258 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 190</p> <p>Identidade Visual: Caroline Kahl</p>	<p>2004</p> <p>Edição - XVI SIC UFRGS Data - 25 a 29/10 de 2004 Nº de trabalhos inscritos - 2864 Nº de sessões - 308 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 296</p> <p>Identidade Visual: Cristina Thorstenberg Ribas</p>	<p>2006</p> <p>Edição - XVIII SIC UFRGS Data - 15 a 20/10 de 2006 Nº de trabalhos inscritos - 3002 Nº de sessões - 315 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 335</p> <p>Identidade Visual: Adriana Sugimoto Danusa Almeida de Oliveira Gabriel Feichas Alves</p>	<p>2008</p> <p>Edição - XX SIC UFRGS Data - 20 a 24/10 de 2008 Nº de trabalhos inscritos - 2906 Nº de sessões - 335 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 290</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira Danusa Almeida de Oliveira</p>	<p>2010</p> <p>Edição - XXII SIC UFRGS Data - 18 a 22/10 2010 Nº de trabalhos inscritos - 2130 Nº de sessões - 285 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 226</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>	<p>2012</p> <p>Edição - XXIV SIC UFRGS Data - 1 a 5/10 de 2012 Nº de trabalhos inscritos - 2614 Nº de sessões - 282 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 255</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>	<p>2014</p> <p>Edição - XXVI SIC UFRGS Data - 20 a 24/10 de 2014 Nº de trabalhos inscritos - 2535 Nº de sessões - 293 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 247</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>	<p>2016</p> <p>Edição - XXVIII SIC UFRGS Data - 12 a 16/09 de 2016 Nº de trabalhos inscritos - 2740 Nº de sessões - 306 Nº de prêmios - 8 Nº de destaques - 287</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>	<p>2018</p> <p>Edição - XXX SIC UFRGS Data - 15 a 19/10 de 2018 Nº de trabalhos inscritos - 2420 Nº de sessões - 300 Nº de prêmios - 8</p> <p>Identidade Visual: Rosâne Vieira</p>

ARTE DA LINHA DO TEMPO: Rosâne Vieira



CRÉDITOS

Edição, pesquisa, redação e pré-projeto	Édina Rocha
Coedição, entrevistas e textos	Ânia Chala
Entrevistas e textos	Camila Raposo e Amanda Hamermüller (bolsista do 8.º semestre de Jornalismo)
Pesquisa	Tatiany Oleques e João Batista Carvalho da Cruz
Design de capa e projeto gráfico	Rosâne Vieira
Fotografias	Gustavo Diehl, Rochele Zandavalli, Thiago Cruz, Ramon Moser, Cadinho Andrade, Martina Pilau Morsch e Natália Appel (bolsista de Relações Públicas)
Idealização	Luís da Cunha Lamb (Pró-reitor de Pesquisa) e Bruno Cassel Neto (Vice-pró-reitor de Pesquisa)
Produção	Secretaria de Comunicação Social (Secom) e Pró-reitoria de Pesquisa (PROPESQ)
Fontes consultadas	Arquivo Propesq, Jornal da Universidade, Museu da UFRGS, Consun, livro "A Iniciação Científica na UFRGS: um projeto institucional" e dissertação de mestrado de Jorge Paiva da Silva "A participação dos atores universitários: um estudo do caso do Salão de Iniciação Científica da UFRGS".
Tiragem	1.000 exemplares
Impressão	Gráfica da UFRGS

Editora da UFRGS • Ramiro Barcelos, 2.500 – Porto Alegre, RS – 90035-003 – Fone/fax (51) 3308-5645 – admeditora@ufrgs.br – www.editora.ufrgs.br •
Direção: Alex Niche Teixeira • Editoração: Luciane Delani (coordenadora), Clarissa Felkl Prevedello, Cláudio Marzo da Silva, Cristina Thumé Pacheco, Lucas Ferreira de Andrade e Rafael Menezes Luz • Administração: Aline Vasconcelos da Silveira, Cláudio Oliveira Rios, Fernanda Kautzmann, Gabriela Azevedo, Heloísa Polese Machado, Jaqueline Trombin e Laerte Balbinot Dias • Apoio: Luciane Figueiredo

